

USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR CABOCLOS DO BAIXO AMAZONAS. BARCARENA, PA, BRASIL

Maria Christina de Mello Amorozo¹
Anne Gély²

RESUMO – Com o objetivo de estudar o sistema terapêutico de comunidades caboclas, foi feito um levantamento das espécies vegetais com usos medicinais em duas vilas vizinhas no Município de Barcarena (PA), situadas às margens da Baía de Marajó. Foram identificadas cerca de 220 espécies, utilizadas em uma ou mais formas de tratamento. Seu hábito, habitat, origem, manejo, uso, modo de preparo e aplicação foram verificados. Os dados foram levantados, conservando, na medida do possível, a interpretação cabocla relativa à identificação e cura de uma dada doença.

Essa pesquisa revelou a riqueza do sistema terapêutico caboclo, tanto ao nível da diversidade de recursos utilizados, como ao nível da utilização e da manipulação destes recursos. Tal conhecimento pode fornecer subsídios para pesquisas mais aprofundadas em várias disciplinas e contribuir para o desenvolvimento de programas de saúde mais adaptados às comunidades a serem beneficiadas.

¹ Departamento de Ecologia. UNESP-Universidade Estadual Paulista.

² MCT/CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi-Departamento de Botânica.

PALAVRAS-CHAVE: *Amazônia, Barcarena, Etnobotânica, Fitoterapia, Plantas medicinais.*

ABSTRACT – *In order to study the therapeutic system of caboclo communities, a survey was made of plant species with medicinal uses in two neighboring villages in Barcarena, PA, Brazil.*

220 plant species used in one or more forms of treatment were identified: their habit, habitat, origin, management and employment were recorded. Data were gathered keeping the caboclo interpretation of illnesses and healing processes, whenever possible.

The results confirm the richness of this therapeutic system, both in diversity of resources involved and in their utilization and manipulation. They point to the need of further detailed interdisciplinary surveys and can be useful in developing health programs more suitable to the reality of the communities to be benefited.

KEY WORDS: *Amazon, Barcarena, Ethnobotany, Phytotherapy, Medicinal plants.*

1. INTRODUÇÃO

O estudo do uso de plantas para vários fins nas comunidades tradicionais está se tornando uma necessidade urgente, especialmente no mundo tropical. Tais comunidades vêm sofrendo crescentes pressões econômicas e culturais da sociedade envolvente, com conseqüências funestas para as suas culturas tradicionais. O conhecimento acumulado por estas populações, através de séculos de contato estreito com seu meio ambiente, viria enriquecer bastante o pouco que ainda sabemos sobre a utilização da flora tropical.

A Amazônia é, hoje, o maior ecossistema de floresta tropical do mundo e, o que possui uma das mais altas diversidades de espécies (Gentry 1982). Schultes (1979) assinala que a vegetação amazônica é extraordinariamente rica em espécies biodinâmicas, até o momento escassamente conhecidas e exploradas em suas múltiplas potencialidades. Nesta vasta região, a heterogeneidade e complexidade ambientais combinam-se a uma gama muito rica de culturas indígenas e caboclas¹. Mesmo o termo genérico caboclo abrange uma grande variedade de matizes culturais, produto tanto da origem

¹ A população cabocla localizada na beira dos rios amazônicos resulta da mestiçagem de índios e portugueses, nos séculos dezesseis e dezessete, e africanos, no século dezoito (Parker 1985).

como do ambiente específico que uma dada comunidade ocupa e dos contatos com elementos exteriores.

Assim, a Amazônia fornece o palco ideal para estudos etnobotânicos (Elisabetsky & Setzer 1985). Até o presente, tem havido poucos estudos detalhados nesta área. Pesquisas sobre a medicina cabloca foram realizadas por Berg (1982), Branch & Silva (1983), Furtado; Souza; Berg (1978) e Figueiredo (1979). Cavalcante & Frickel (1973) estudaram a farmacopéia dos índios Tiriyó; Grenand; Moretti; Jacquemin (1987), a farmacopéia dos índios Wayãpi e Palikur da Guiana Francesa.

A importância da compreensão de sistemas terapêuticos tradicionais ultrapassa o interesse antropológico acadêmico, para preencher também necessidades práticas. Segundo a OMS (*apud* Croom Junior 1983), para alcançar as necessidades mínimas de saúde dos países em desenvolvimento até o ano 2.000, a medicina tradicional tem que ser levada em consideração. No Brasil, apesar de o uso de plantas ser corrente e muitas vezes a única alternativa para uma grande porcentagem da população, é praticamente ignorado pela comunidade médica como solução concreta e objetiva de boa parte dos problemas de saúde.

A pesquisa com plantas medicinais pode não só contribuir para o melhor uso destes recursos pela população, mas também trazer à luz o conhecimento de novas e efetivas drogas no combate a diversos males.

Mas não apenas o Terceiro Mundo depende de plantas para manter ou melhorar o seu sistema de saúde. Um estudo feito nos Estados Unidos, em 1967, revelou que 25% de todas as drogas aí vendidas, equivalentes a US\$ 3 bilhões/ano, derivam diretamente de plantas. Em 1978, o prosseguimento desta pesquisa deixou claro que esta porcentagem não diminuirá neste século (U. S. National Academy of Science, 1978, *apud* Mooney 1980). Quase todos os centros de alta diversidade de espécies, tanto nativas como cultivadas, encontram-se em regiões de países em desenvolvimento: plantas com alcalóides são duas vezes mais prevalentes nos trópicos que em regiões temperadas. Os alcalóides, que têm grande importância na medicina, foram estudados em apenas 40% das plantas conhecidas (Mooney 1980). As regiões mais ricas em espécies são justamente as que se encontram sob grande pressão de destruição ambiental. A desagregação dos sistemas de vida tradicionais que acompanha a devastação do ambiente e a intrusão de novos elementos culturais ameaça muito de perto um acervo de conhecimentos empíricos e um patrimônio genético de valor inestimável para as gerações futuras.

A vegetação dominante hoje em dia é composta de capoeiras de diferentes idades, localizadas na terra-firme. Ao longo dos rios e da baía de Marajó, encontram-se espécies características de várzea (foto 1). Os moradores das vilas exploram todos os ecossistemas ao redor para a obtenção de produtos variados. Os tipos de ambientes podem ser agrupados em duas categorias (Anderson et al 1985): áreas manejadas intensivamente, como "quintal"² (fotografia 2), "sítio"³ (fotografia 3) e roça e aquelas que são eventualmente exploradas, como capoeiras, mata de várzea e terra firme, e terrenos abandonados nas vilas. A diferença entre essas duas categorias é feita mais em função da intensidade de manejo (capinagem, plantações no quintal, sítio e roça) que da periodicidade de visitas (as matas e capoeiras são sempre procuradas para a coleta de plantas, mudas, fibras, resinas, frutas, etc).

Nesta região, a implantação do complexo industrial Albrás-Alunorte para o processamento da bauxita do rio Trombetas a alumina e alumínio modificou consideravelmente os ambientes disponíveis para manejo. A desapropriação de grandes áreas para a construção da fábrica e dos núcleos residenciais e o estabelecimento de reservas ecológicas obrigou uma boa parte da população local a se mudar para vilas, onde o espaço para roça e quintal se restringiu sensivelmente. O sítio tradicional desapareceu neste processo e, com ele, uma fonte importante de alimentos e plantas medicinais.

Para a presente pesquisa, foram escolhidas duas vilas vizinhas: a Vila de Itupanema e a Vila Nova do Piry, distantes entre si cerca de 1 km. A proximidade de Belém e o estabelecimento de contato prévio com a população local, por parte do quadro de pesquisadores do projeto Barcarena (FADESP 1983-1984) facilitaram o desenvolvimento da pesquisa. Ambas as vilas estão situadas em região de terra firme, às margens da baía de Marajó. Suas populações são compostas de famílias caboclas que vivem no município há muito tempo.

Os moradores de Vila Nova (cerca de 80 famílias) mudaram-se para o povoado há mais de três anos, quando foram desapropriados seus sítios. Cada qual recebeu um terreno de 10x60 m, onde construiu sua casa e estabeleceu o quintal. Embora o espaço não seja muito grande, se comparado às grandes áreas que possuíam, os cablocos transplantaram de lá muitas das espécies que cultivam hoje.

² Quintal ou "terreiro" define-se como o espaço aberto ao redor da casa. Aí, a maioria das plantas é cultivada, não se encontrando árvores de grande porte.

³ O sítio, é uma área de cerca de um hectare, com predominância de árvores, especialmente frutíferas.

Em um dos quintais, entre plantas herbáceas, arbustivas e arbóreas, registrou-se um total de 69 espécies de plantas úteis, em menos de 400 m² de terreno. Além deste pequeno lote, os moradores de Vila Nova receberam uma roça comunitária, onde trabalham em regime de cooperação.

Os habitantes de Itupanema (também cerca de 80 famílias) estão no local há pelo menos três gerações. Estas famílias antigas ocupam-se tradicionalmente do plantio misto de árvores frutíferas e do cultivo de roças de mandioca (*Manihot* sp.), associadas a outras culturas alimentares, como caruru (*Talinum patens*), jerimum (*Cucurbita moschata*), jambu (*Spilanthes acmella*) e gergelim (*Sesamum indicum*). A venda de frutas é uma fonte de recursos financeiros importantes. Além disso, praticam a caça de pequenos animais e a pesca artesanal, com redes emalhadeiras para captura de peixes, e "matapis" para camarões. Também fazem carvão para vender e extraem produtos diversos das matas e praias, geralmente plantas medicinais. Atualmente, a divisão das tarefas da lavoura entre os membros da família vem se alterando, porque o novo parque industrial está absorvendo a mão-de-obra dos jovens. Os velhos devem, então, encarregar-se sozinhos dos cuidados com a propriedade, como a capina, derrubada, queima e plantio. Com esta sobrecarga de trabalho, os serviços acabam sendo prejudicados e alguns trechos dos sítios são tomados pelo mato, diminuindo a produção dos frutos: as roças não podem mais ser cuidadas como antigamente. Como não conseguem mais manejar toda a propriedade, os moradores acabam por vender alguns trechos aos recém-chegados com a indústria, para compensar os prejuízos.





3. SITUAÇÃO DE SAÚDE NO MUNICÍPIO

As comunidades estudadas tem um acesso relativamente fácil a cuidados médicos institucionalizados, se comparadas a outras comunidades amazônicas. Existe um posto de saúde da SESPA (Secretaria Estadual de Saúde do Pará), situado em Barcarena, e também, há dois anos, um hospital do SESP (Secretaria de Estado de Saúde Pública), próximo ao Terminal Rodoviário, a uns 5 km das vilas estudadas. Além disso, um enfermeiro da SESPA atende periodicamente em Vila Nova.

Segundo dados fornecidos pela Unidade Sanitária de Barcarena (SESP 1982), as principais doenças transmissíveis no município atualmente são: malária, tuberculose, coqueluche, hepatite, sarampo, esquistossomose e febre amarela. Embora a malária figure como uma das doenças transmissíveis no município, os casos registrados são geralmente de pessoas de fora, que vieram trabalhar na construção da fábrica, não sendo esta doença endêmica da região. Os casos de esquistossomose e febre amarela foram também importados. Como os vetores destas doenças estão presentes na área, é preciso um controle cuidadoso, efetuado, em parte, pela SUCAM.

A incidência de parasitoses intestinais é muito alta. Entre as crianças, as maiores causas de mortalidade são as gastroenterites e as doenças respiratórias. 75% das crianças examinadas apresentam um ou mais tipos de parasitas, sendo os mais comuns *Ascaris*, *Trichocephalus* e *Ancilostoma*. Segundo observações clínicas (Dr Renato de Castro, 1986, com. pess.), a hipertensão arterial e doenças correlacionadas têm, também, uma incidência importante. Acidentes por ferradas de arraia são muito comuns, sobretudo em Itupanema e Vila Nova, mas ofidismo e picadas de outros animais peçonhentos são raros. As doenças de pele, como escabiose e micoses, são freqüentes.

Com as mudanças sócio-econômicas trazidas pela implantação da fábrica, os índices de alcoolismo e prostituição aumentaram, ocasionando um número elevado de doenças ligadas a estes fatores. Em Vila do Conde, a maior zona de meretrício do município, chegou-se à detecção de 30 casos de gonorréia/semana, inclusive em crianças pequenas (Dr. Renato de Castro, comunicação pessoal 1986).

4. METODOLOGIA

O trabalho de campo foi realizado entre fevereiro de 1985 e junho de 1986.

Foram aplicados formulários sobre dados sócio-econômicos, uso, ocorrência, ecologia e modo de preparo das plantas em 10 do-



micílios, sendo 4 situados na Vila Nova, 1 no interior (em uma propriedade às margens do rio São Francisco) e os restantes na Vila de Itupanema ou ao longo da estrada de Guajará, em direção ao viveiro de plantas da Albrás. Os esforços foram concentrados sobre os moradores que sabiam mais a respeito do uso terapêutico das plantas. Além de doze mulheres e cinco homens entrevistados de modo formal, discussões informais foram mantidas com outras pessoas. Em cada propriedade, principalmente nos quintais, foi realizado um levantamento de todas as plantas medicinais, comestíveis, ornamentais ou com outros usos. Além disso, foram feitas excursões às praias e capoeiras vizinhas na companhia de informantes, a fim de coletar as plantas medicinais. Foi visitado, também, um antigo sítio de um dos moradores de Vila Nova, hoje parte da reserva ecológica da Albrás.

As plantas coletadas foram identificadas e depositadas no Herbário do Museu Paraense Emílio Goeldi (MG), em Belém; mudas foram coletadas para cultivo no viveiro dessa instituição.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Ambientes explorados

Dos locais que sofrem um tipo de manejo regular, o quintal e o sítio são as principais fontes de espécies medicinais.

As plantas encontradas no quintal vieram de outras localidades, foram trocadas com vizinhos, ganhas ou compradas em mercados, trazidas de capoeiras e matas, ou mesmo da beira da estrada. As mudas são plantadas em canteiros preparados no chão ou em caixotes, suspensos, para serem protegidas de saúvas e outros animais (foto 4). Depois, ficam diretamente na terra ou em latas, paineiros ou sacos plásticos, sendo eventualmente transplantadas para um local mais amplo. Geralmente os caboclos conhecem as preferências de habitat da planta, como luminosidade apropriada, exigências de água e adubo; quando é preciso adubar, usam carvão, terra de caieira (a terra que fica sob a madeira queimada para fazer carvão) e matéria orgânica trazida pela maré.

A escolha das plantas para o quintal obedece a certos critérios: são espécies úteis ou ornamentais, que ainda não existiam aí e que não estão acessíveis, próximo da habitação. As possibilidades de sobrevivência dessas plantas no novo ambiente são levadas em conta no momento do transplante. Em uma das excursões foi transplantada a trepadeira baunilha (*Vanilla* sp.), cujos frutos são usados para condimentar mingaus e também para tratamento de doenças do aparelho respiratório. A planta estava numa capoeira à beira de uma praia, a cerca de 1 km da habitação, e foi plantada no quintal,



onde uma das mudas sobreviveu e produziu botões florais. Às vezes, plantas que podem ser consideradas daninhas para as espécies cultivadas em outro contexto, são transplantadas. É o caso da coitadinha (*Cuscuta trichostyla*), parasita usada contra problemas renais. Até mesmo espécies com propriedades muito urticantes (*Jatropha urens* e *Laportea aestuans*) são levadas para os quintais e aí tratadas como plantas cultivadas. Algumas espécies que "grelam sozinhas" (espontâneas), como a vassourinha (*Scoparia dulcis*) ou o comer-de-jabuti (*Peperomia pellucida*), são toleradas nos quintais, na medida em que se reconhece a sua utilidade. Ocasionalmente, plantas ruderais muito comuns são mesmo protegidas, como um pé de quebra-pedra (*Phyllanthus orbiculatus*), plantado cuidadosamente em uma lata. Algumas espécies cultivadas, por sua raridade e importância no tratamento de várias doenças, são valorizadas. É o caso da arruda (*Ruta graveolens*), que não se adapta bem ao clima, requerendo muitos cuidados. Esta espécie é utilizada para curar doenças, incluindo problemas cardíacos, estomacais e "doenças que entorta as crianças". (V. adiante).

No sítio, a mata original é regularmente brocada: algumas árvores são eliminadas, enquanto outras são conservadas, como castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), seringueira (*Hevea brasiliensis*), e outras plantadas, especialmente fruteiras. Em Itupanema, algumas das fruteiras mais encontradas são cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), manga (*Mangifera indica*), abacate (*Persea americana*), bacuri (*Platonia insignis*) e uxi (*Endopleura uchi*). Em geral, os moradores não plantam espécies medicinais, mas toleram e poupam das capinas as espontâneas úteis, como a santa-bárbara (*Piper marginatum*) e o batatão (*Operculina alata*). Quando a espécie é muito abundante, como a catininga (*Clidemia hirta*), usada em feridas e queimaduras, ou a camembeca (*Polygala spectabilis*), boa contra diarreia e hemorróidas, ela pode ser ocasionalmente capinada. Em grande parte das fruteiras do sítio se reconhece um valor terapêutico, como no açaí (*Euterpe oleracea*), caju (*Anacardium occidentale*) e taperebá (*Spondias mombin*), utilizadas contra diarreia.

Outros ambientes não sujeitos a manejo são explorados para a coleta de espécies medicinais, como capoeiras, matas de terra firme e várzea, terrenos baldios e vegetação à beira das estradas. Às vezes, são realizadas excursões a estes locais com o fim específico de “tirar” algum remédio, ou então, aproveitam-se para este fim, as excursões para caçar, “tirar” madeira ou mel. Homens, mulheres e crianças coletam, assim, plantas medicinais (foto 5). Esses “remédios do mato” são geralmente encomendados a pessoas que sabem onde encontrar as espécies e dominam as técnicas de extração. Em alguns casos, existe uma época certa para a coleta. Por exemplo, o látex de muitas árvores, como amapá (*Parahancornia amapa*), sucuuba (*Himathantus sucuuba*), não deve ser coletado entre maio e agosto, pois então “se torna venenoso”. Tais informações podem ser indicadores importantes para a pesquisa de ação farmacológica, uma vez que condições do meio, como o clima e o solo, alteram a concentração de certos compostos nos vegetais (Mika 1962; Gupta et al 1986).

Existe uma certa diferenciação entre os conhecimentos do homem e da mulher com relação às plantas que crescem em ambientes manejados ou não. De modo geral, a mulher domina melhor o conhecimento das plantas que crescem próximo à casa, no quintal e no sítio, enquanto o homem conhece mais as plantas do mato. Se o quintal é trabalhado e conhecido pela mulher, o sítio é manejado pelos dois sexos e a mata é mais explorada pelo homem. Mas esta especialização não é de modo algum rígida; algumas mulheres conhecem os “remédios do mato” tão bem quanto seus maridos.



2. Plantas e usos

Na Tabela 1, tem-se as plantas mais encontradas nas propriedades visitadas (frequência > 50%), com seus respectivos usos. Verifica-se que 51% das plantas apresentam uso terapêutico e alimentar, 20% uso só alimentar e 23% uso só terapêutico. Isto indica que as plantas medicinais devem ter uma importância aproximadamente igual às usadas na alimentação.

O Apêndice 1 apresenta as 242 plantas medicinais encontradas e alguns dos seus aspectos ecológicos. Conquanto as ervas sejam as mais bem representadas (105 espécies), o número de árvores utilizadas é também alto (60). Vêm, em seguida, cipós e trepadeiras (28), arbustos (15) e sub-arbustos (14), indicando que plantas de todos os estratos da vegetação são utilizadas com fins terapêuticos.

Tabela 1. Plantas mais encontradas nos quintais e sítios.

Frequência (%) n=10	Nome vulgar	Nome científico	Uso terapêutico	Uso alimentar
90	açaf	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	+	+
	cupuaçu	<i>Theobroma grandillorum</i> (Willd.) ex Spreng	+	+
	pião branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	+	
	pião roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	+	
	pimenta	<i>Capsicum</i> spp.	+	+
	pupunha	<i>Bactris gasipaes</i> H. B. K.		+
80	alfavaca	<i>Ocimum micranthum</i> Willd.	+	+
	banana	<i>Musa</i> spp.	+	+
	goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	+	+
	mamão	<i>Carica papaya</i> L.	+	+
	manga	<i>Mangifera indica</i> L.	+	+
	vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	+	
70	abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	+	+
	caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	+	+
	ingá	<i>Inga edulis</i> Mart.		+
	jaca	<i>Artocarpus altilis</i> (Park.) Fosberg		+
	limãozinho	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	+	+
	urucu	<i>Bixa orellana</i> L.	+	+
60	alfavacão	<i>Ocimum</i> cf. <i>viride</i> Willd.	+	
	cana-de-açúcar	<i>Saccharum officinarum</i> L.	+	+
	coramina	<i>Pedilanthus</i> sp.	+	
	laranja	<i>Citrus</i> spp.		+
	pingo-de-ouro	<i>Wedelia paludosa</i> D. C.		
50	castanha-do-pará	<i>Bertholletia excelsa</i> Humb. & Bonpl.	+	+
	cedro	<i>Cedrela odorata</i> L.	+	
	chicória	<i>Eryngium foetidum</i> L.	+	+
	coco	<i>Cocos nucifera</i> L.	+	+
	espada-de-são-jorge	<i>Sansevieria</i> spp.		
	manjerição-esturaque	<i>Ocimum</i> cf. <i>brasiliensis</i>	+	
	inajá	<i>Maximiliana maripa</i> (Corr. Serr.) Drude		+
	jambo	<i>Eugenia malaccense</i> L.		+
	maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims.		+
	oriza	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	+	
	piquiá	<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers	+	+
	taperebá	<i>Spondias mombin</i> L.	+	+

A figura 2 mostra que as plantas cultivadas representam 50% das espécies utilizadas na medicina caseira; tal resultado é muito semelhante ao encontrado por Branch & Silva (1983) em Alter do Chão (PA). O restante divide-se entre as plantas espontâneas, encontradas em capoeiras e matas (25%), espontâneas ruderais (11%) e espontâneas que também são cultivadas (14%), como a andiroba (*Carapa guianensis*), o cedro (*Cedrela odorata*) e o açaí (*Euterpe oleracea*). Algumas espécies espontâneas são toleradas (ausência de capinagem) ou favorecidas (transplante, adubação). Nos quintais, registramos 12 espécies de plantas ruderais que foram cultivadas; encontramos 14 espécies de mata de terra firme e várzea, também cultivadas nos quintais e sítios.

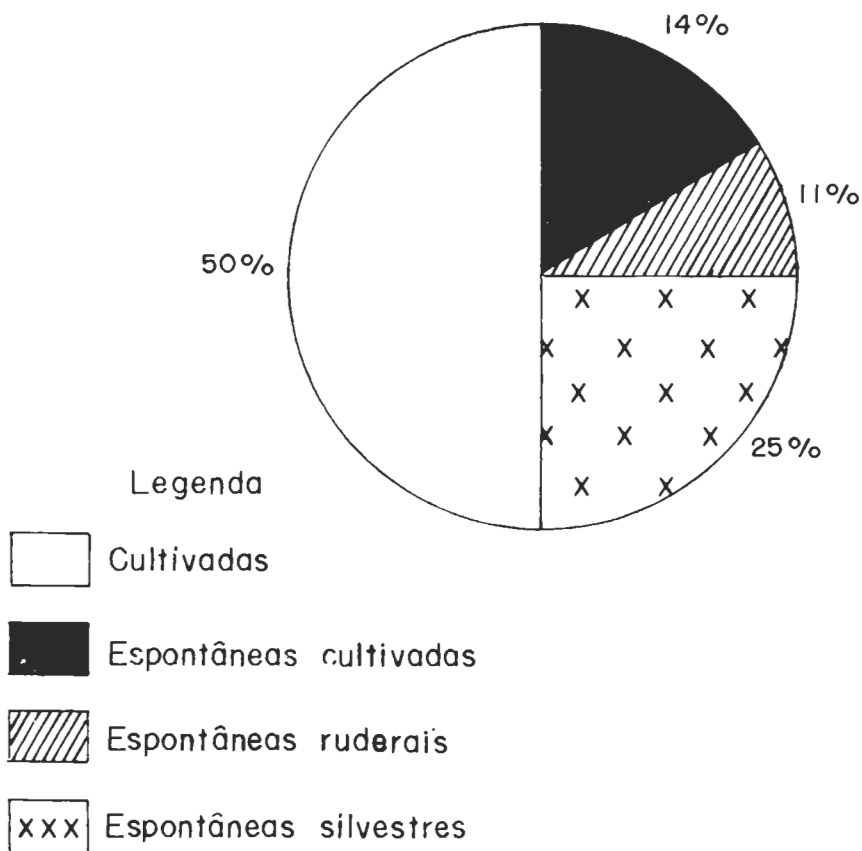


Figura 2. Frequência relativa de espécies medicinais cultivadas e espontâneas em Itupanema e Vila Nova.

Das 178 plantas, das quais foi possível determinar a origem, 67% são nativas da região amazônica, 5% são pantropicais, 6% foram introduzidas em época pré-colombiana e 22% em época pós-colombiana. Grande parte destas espécies encontra-se nas matas de várzea e terra firme, e não pode ser cultivada na área limitada e aberta das propriedades atuais dos caboclos que tiveram suas terras desapropriadas. A impossibilidade de acesso aos ambientes naturais, devido à implantação do Complexo Albrás-Alunorte, limita consideravelmente a gama de plantas medicinais disponíveis e vai prejudicar a curto prazo o sistema terapêutico caboclo. A maioria das espécies introduzidas são ervas ou arbustos que se adaptam bem nos quintais, mas que representam uma pequena fração das espécies utilizadas com fins terapêuticos.

42% dos nomes das plantas são de origem tupi, ou derivados do tupi (Cunha 1982; Grenand, comunicação pessoal 1986). Muitos foram conservados em sua forma original: abuta, açaí, amapá, etc. A etimologia destes nomes refere-se, muitas vezes, a características das plantas: apí/i (fruto/pequeno), camembeca (caá/membeca = erva/mole); ju/una (espinho/preto); cipó-piranga (cipó vermelho); mundubi/rana (amendoim/falso), etc. Pode referir-se também a relações existentes entre plantas e animais: mucura-caá (mucura/planta), soror/oca (lontra/casa), etc. Há termos que designam uma família de plantas: capim (caá-pií, planta/lina), para Graminae e Cyperaceae; crauatá, para Bromeliaceae selvagens; ariá, para Maranthaceae. Alguns nomes evocam uma possível ação natural ou sobrenatural da planta: muruteteca, "o que vai agir no corpo"; murucisacaca, "feitiço mau"; pamarijoba, "folha de pajé". Pode-se traçar uma correlação possível entre a mendoca, "boa para casar", em tupi, e o seu uso pelos caboclos (para "descer" a menstruação). Nomes como boiúna (cobra preta) e buiuçu (cobra grande) têm um valor simbólico importante na mitologia tupi.

Outros nomes derivam da língua tupi modificada: gapuí, caxinguba, cabi, picoró. Outros, são ainda contração (pirarucu, para pirarucu-caá; mamona, em lugar de mamão-rana) ou tradução de nomes desta língua (escada-de-jabutí). A combinação de raízes tupi e portuguesa é freqüente: jibo/inha. Pariri é uma palavra tupi usada quase exclusivamente no Pará; em outros locais, o nome crajiru é utilizado para a mesma espécie.

As outras designações de plantas medicinais são geralmente de origem européia. Muitas têm uma conotação religiosa: cama-de-menino-deus, miçanga-de-nossa-senhora, melão-de-são-caetano, santa-bárbara. Alternativamente, deixam supor um poder específico da planta: comigo-ninguém-pode, ganha-aqui-ganha-acolá, dinheiro-em-penca.

A importância das raízes tupi deixa supor a sobrevivência de muitas tradições terapêuticas dos grupos indígenas que originariamente ocuparam a região. A incorporação progressiva do uso de espécies vindas de outros continentes parece acrescentar-se a este conhecimento e o complementa, ao invés de substituí-lo.

O Apêndice 2 apresenta os usos das espécies medicinais encontradas. O termo "medicinal" designa aqui todas as espécies que têm um valor curativo para o caboclo. Segundo esta definição, são incluídas as espécies, cuja ação terapêutica tem implicações sobrenaturais ("uso mágico", no Apêndice). De acordo com Maués (1977), as doenças se dividem em dois grupos: "doenças naturais" e "doenças não-naturais", conforme os conceitos caboclos de causalidade. A análise destes conceitos é fundamental para se entender o funcionamento do sistema terapêutico, e dada sua complexidade, necessitaria de estudos mais aprofundados.

A informação, na medida do possível, foi reproduzida na forma em que foi coletada. Embora os informantes cite também doenças específicas, freqüentemente aludem ao uso de determinada planta para o "alívio de sintomas". A investigação limita-se à descrição dos sintomas, quando foi possível obtê-la. Tenta-se não traduzir os sintomas por uma doença reconhecida pela medicina científica ocidental, mas sugerir possíveis correspondências. As principais doenças reconhecidas pelos caboclos estão listadas no fim do Apêndice 2.

"Doenças que entortam" e "doenças do vento" acontecem com relação a mudanças de temperatura, de quente para frio: a pessoa está com febre à noite, de manhã cedo entra na água ou pega vento. Este conceito de quente-frio é profundamente enraizado na concepção cabocla da etiologia das doenças (Fleming-Moran 1975), e fornece a base para toda uma série de precauções na vida diária (como não tomar banho depois de ficar muito tempo trabalhando ao sol, não sair na chuva depois de tomar café quente), que existem em toda a América do Sul (Maués & Maués 1980). Tais choques de temperatura geram doenças, cujos sintomas são paralisia parcial dos membros ou da face, arroxamento da pele, contorsões, "fala feia". A "doença do vento" ou "ramo de ar", mais comum em crianças, pode estar se referindo a convulsões infantis devido a febres muito altas. Já as "doenças que entortam" talvez englobem epilepsia e acidentes cérebro-vasculares; encontramos um caso em que um paciente com paralisia causada por derrame cerebral estava sendo tratado com as mesmas plantas usadas para aquelas doenças. Espécies como catinga-de-mulata (*Aeollanthus suaveolens*) e cipó-pucá (*Cissus sicyoides*) têm mostrado ação anti-convulsivante em testes de laboratório (Elisabetsky et al 1986 a e b), e o alho (*Allium sati-*

vum), que às vezes entra na composição destas prescrições, ação anti-hipertensiva (Ribeiro et al 1986).

Um outro conceito básico da medicina cabocla é o "estado do sangue" (Fleming-Moran 1975). O "sangue grosso, embolado", precisa ser tratado, para não gerar males piores. Segundo uma das entrevistadas, "sangue embolado" é "quando a gente se sente agoniado, pega muito sol, fica com dor de cabeça". Mesmo um baque, se mal cuidado, pode virar "sangue embolado". Geralmente, o sangue neste estado causa afecções de pele como coceira, brotoeja e até "esipla". Estes conceitos podem sugerir uma modificação da circulação sanguínea em certas ocasiões e talvez a não eliminação de toxinas no sangue.

O Apêndice 2 mostra, ainda, que todas as partes das plantas são empregadas no preparo dos remédios: folha, caule, casca, tubérculo, raiz, rizoma, bulbo, broto, látex, semente, fruto, óleo da semente, resina, seiva, sumo da folha ou da casca, flor, brácteas, inflorescências, leite ou caldo de fruto. As folhas são mais utilizadas (49% das prescrições), em seguida vêm as raízes, rizomas, bulbos (15%) e a casca (13%); depois, os frutos, sementes e flores (6%), ramo com folhas (4%), látex (4%), planta toda (4%), caule (3%) e óleo da semente (2%). Observa-se o emprego freqüente de fricção, emplastro, chá, banho e "garrafada" (para fortalecer) nos processos terapêuticos. A ingestão ou utilização de sumo, "baba" ou "gosma", látex, "espuma" e "leite de semente" ocorre em vários casos. O uso combinado de plantas e remédios comprados em farmácias é comum. Ingredientes como ovo, mel, leite de peito, álcool, são muitas vezes indicados no preparo de um remédio. Substâncias de origem animal (banha de tartaruga, banha de preguiça) são freqüentemente utilizadas.

O emprego de banhos tópicos na cura de várias doenças é muito comum.

A confiança na eficácia da aplicação dos remédios por via tópica é tão grande que os caboclos ao invés de tomá-los por via oral (cf. alfavacão: Apêndice 2), costumam dissolver comprimidos junto com as plantas na água dos banhos contra gripes e dores de cabeça. Foi anotada, por exemplo, a seguinte receita para "fortalecer o cérebro" ou outras partes do corpo: "juntar em uma vasilha: leite, canela, chocolate, tutano. Passar a mistura para um papelzinho e colocar nas têmporas, no meio da cabeça ou no peito".

Um estudo cuidadoso dos procedimentos de administração e das razões por que se ministram determinadas preparações para determinados fins, além de fornecer pistas para a pesquisa farmacológica de princípios ativos importantes, seria muito útil para a com-

preensão do sistema de saúde do caboclo e a implantação de programas de saúde mais eficiente. Evidências recentes sobre a permeabilidade da pele (Lewis & Lewis 1977) sugerem que esta via de administração pode ser muito eficiente em certos casos.

3. Doenças mais comuns

A Tabela 2 mostra as doenças que foram mais citadas nas entrevistas, juntamente com as plantas usadas comumente para curá-las ou aliviar os sintomas. Para algumas doenças, usa-se um grande número de espécies e de preparações; isto está representado na figura 3. Foi usado o maior número de plantas para o alívio de gripes, tosses e resfriados; em seguida, vieram os problemas intestinais e dores de cabeça. Algumas plantas parecem ser básicas no preparo de remédios para certos fins, podendo ser acrescentadas de outras; é o caso de amapá (*Parahancornia amapa*) e verônica (*Dalbergia monetaria*) para fortificantes e cipó-pucá (*Cissus sicyoides*), arruda (*Ruta graveolens*) e gergelim (*Sesamum indicum*) para as "doenças que entortam".

4. Importância relativa das espécies

Para ter uma idéia da importância relativa das plantas utilizadas nestas comunidades quanto ao número de informantes que as citaram e à concordância dos usos citados, foram listadas na Tabela 3, as plantas mencionadas por mais de três informantes (34). Os cálculos que se seguem foram baseados no artigo de Friedman et al (1986), adaptados para a metodologia que foi empregada neste trabalho. A porcentagem de concordância quanto aos usos principais (CUP), para cada espécie, foi encontrada da seguinte forma:

$$CUP = \frac{n^{\circ} \text{ de informantes que citaram usos principais} \times 100}{n^{\circ} \text{ de informantes que citaram uso da espécie}}$$

O valor encontrado foi multiplicado em seguida por um fator de correção correspondente ao número de informantes que mencionou cada espécie, dividido pelo número de informantes que mencionou a espécie mais citada (pião branco, no caso).

$$FC = \frac{n^{\circ} \text{ de informantes que citaram a espécie}}{n^{\circ} \text{ de informantes que citaram a espécie mais citada}}$$

A CUP corrigida é dada então:

$$CUP_c = CUP \times FC$$

Tabela 2. Plantas mais utilizadas no tratamento de doenças.

Doenças/sintomas	Plantas mais utilizadas no tratamento
Tosse, bronquite e resfriado	laranja-da-terra, carucaá, alfavacão, jaramacaru, manjerição-esturaque, apif, pião-branco, jatobá, alfavaca, fedegoso 2, guaribinha, ipecaconha, feijão-guandu.
Afecções renais	marupazinho-vermelho, camembeca, salva-de-marajó, pariri, corrente-roxa, açaf, hortelã-de-panela, cânfora, rinchão, sucuuba, goiaba
Fratura, "desmentidura", reumatismo e baque	mastruz, andiroba, cabacinha, abuta, gengibre, marapuama
Afecções da pele, erisipela	catininga, fava, lacre, murta-cabeluda, pirarucu, vassourinha
Usos mágicos	cabi, pião-roxo, mururé, jambu-açu, puruã
Fortificante	amapá, anani, sucuuba, verônica, salva-de-marajó
Dores de cabeça	alfavacão, limãozinho, pião-branco, mucuracaá, arruda
"Doença que entorta", "doença do vento"	cipó-pucá, arruda, óleo-elétrico, cravo
Afecções hepáticas	cabacinha, sucuuba, sucuriçu
Afecções dos olhos	gapuf, urucu
Afecções de garganta	andiroba, tançagem
Vermes	mastruz, arruda
Ajuda no parto e pós-parto	pimenta-malagueta, biribá
Doenças infecciosas infantis (sarampo, "papeira", catapora)	sabugueiro, milho
Afecções nos ouvidos	trevo-roxo
Afecções pulmonares	sucuuba
Circulação – sangue	vassourinha
Coração	coramina
Problemas menstruais	pariri
Febre	limãozinho
Afecções causadas por picadas de animais ou seus excrementos	andiroba
Calmante	erva-cidreira
"Vomitório"	pracaxi

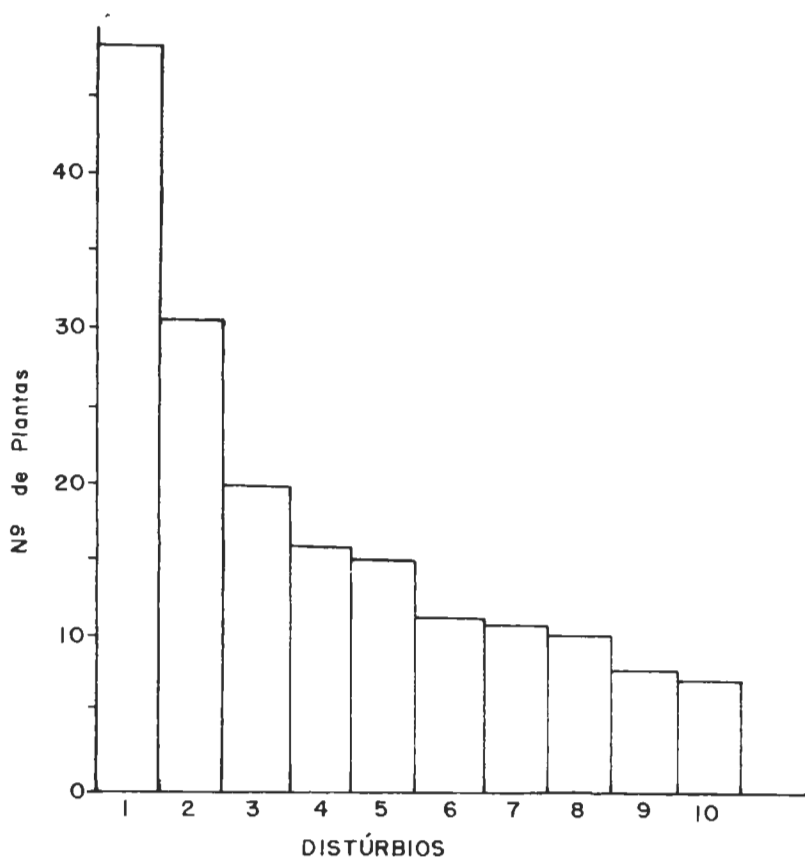


Figura 3. Distúrbios para os quais se usa o maior número de plantas:

1. gripe, tosse, resfriado
2. problemas intestinais, diarréia
3. dor de cabeça
4. febre
5. fraqueza, desânimo
6. fígado
7. dor de garganta
8. reumatismo
9. erisipela
10. baque

Cipó-pucá, sabugueiro (*Sambucus nigra*), oriza (*Pogostemon heyneanus*) e alfavação (*Ocimum cf. viride*) apresentam CUP acima de 65%. É possível que aumentando o número de informantes consultados, haja uma maior concordância quanto aos usos; talvez este seja o caso da andiroba, cuja representatividade está muito provavelmente sendo subestimada. Apesar desta limitação, a CUP pode nos fornecer uma idéia inicial sobre as plantas com potencial de ação para certas doenças e que portanto, merecem um escrutínio farmacológico mais atento.

Para ter uma idéia da concordância no uso de plantas por caboclos em outras localidades da Amazônia, comparamos esses resultados com as pesquisas realizadas em duas comunidades tradicionais e antigas, que estão há muito tempo em contato com o seu ambiente. A primeira (Furtado; Souza; Berg 1978) foi feita em Marapanim, na região do Salgado (PA), onde as fontes de subsistência são principalmente agricultura e pesca. A segunda (Branch & Silva 1983) realizou-se em Alter do Chão, uma vila de cerca de 500 habitantes, próxima a Santarém, às margens do rio Tapajós. Sua maior fonte de renda é a borracha, sendo também praticada a agricultura de subsistência.

A Tabela 4 apresenta as plantas comuns às três localidades (35 espécies). Além destas, alguns gêneros como *Ocimum*, *Tagetes* e *Citrus* estão bem representados nos três locais; estes gêneros compreendem espécies cultivadas com muita variabilidade genética, o que conduz, às vezes, a identificações diferentes.

Os resultados das Tabelas 3 e 4 comprovam a importância de se considerar os dados etnobotânicos em pesquisas farmacológicas; muitas das plantas que são bastante utilizadas pelas populações caboclas já tiveram comprovada ação farmacológica em estudos de laboratório: mucura-caá (*Petiveria alliacea*), mastiuz (*Chenopodium ambrosioides*), pião-branco e roxo (*Jatropha curcas* e *J. gossypifolia*) (UNESCO 1984); seria interessante estudar outras plantas, cujo uso é bastante ditundido.

5. Percepção dos recursos terapêuticos pelos caboclos

Na cura de uma dada doença, a ação terapêutica suposta ou real, direta ou indireta, é de difícil individuação. Muitas vezes o caboclo combina ou substitui a ação de várias plantas ou tratamentos, para fins curativos. Por exemplo, o milho pode ser utilizado em associação com o sabugueiro no tratamento de doenças infecciosas infantis, como o sarampo e a catapora. Frequentemente, a palha ou os grãos são cozidos junto com a folha do sabugueiro. Mas, às vezes, os caboclos ministram apenas o chá do sabugueiro e jogam os grãos de milho sob a rede do paciente, para fazer o sarampo "sair"

Tabela 3. Planta citadas por mais de 3 informantes, seus usos principais e concordância quanto aos usos principais.

Nome vulgar	PLANTA FAM	Nome científico	Informantes citando uso da espécie	Nº de usos citados	Usos principais	Informantes citando usos principais	CUP	FC	CUP _c
cipó-pucá	VIT	<i>Cissus sicyoides</i> L.	7	3	"doenças que entortam", "doença do vento", derrame	7	100,0	0,78	78,0
sabugueiro	CPR	<i>Sambucus nigra</i> L.	6	4	doenças infecciosas infantis, principal-mente sarampo	6	100,00	0,67	67,0
oriza	LAB	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	7	9	banho cheroso e para outros fins	6	85,7	0,78	66,9
alfavacão	LAB	<i>Ocimum</i> cf. <i>viride</i> Willd.	8	6	sintomas gripais	6	75,0	0,89	66,8
milho	GRM	<i>Zea mays</i> L.	5	3	doenças infecciosas infantis, principal-mente sarampo	5	100,0	0,56	56,0
vindicá	ZIN	<i>Alpinia nutans</i> Rosc.	5	2	banho cheroso e para outros fins	5	100,0	0,56	56,0
coramina	EUP	<i>Pedilanthus</i> sp.	6	4	problemas cardíacos	5	83,3	0,67	55,8
laranja-da-terra	RUT	<i>Citrus aurantium</i> L.	7	5	tosse e sintomas gri-pais	5	71,4	0,78	55,7
vassourinha	SCR	<i>Scoparia dulcis</i> L.	7	5	"sangue grosso, em-bolado", "refrescar o sangue"	5	71,4	0,78	55,7
pião-branco	EUP	<i>Jatropha curcas</i> L.	9	11	dor de cabeça, sinto-mas gripais	5	55,6	1,00	55,6
arruda	RUT	<i>Ruta graveolens</i> L.	5	8	"doença que entor-ta", "doença do vento", derrame	4	80,0	0,56	44,8
camembeca	PGL	<i>Polygala spectabilis</i> D. C.	5	3	problemas intestinais	4	80,0	0,56	44,8
sucuuba	APO	<i>Himanthus succuba</i> (Spruce) Woodson	5	6	problemas do apare-lho digestivo	4	80,0	0,56	44,8

(continua)

Tabela 3. (continuação)

Nome vulgar	PLANTA FAM	Nome científico	Informantes citando uso da espécie	Nº de usos citados	Usos principais	Informantes citando usos principais	CUP	FC	CUP _c
mastruz	CHN	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	7	4	verme, fraturas	4	57,1	0,78	44,5
apif	MOR.	<i>Dorstenia asaroides</i> Gard.	4	2	tosse, gripe	4	100,0	0,44	44,0
marupazinho verde melho	IRI	<i>Eieutherine cf. plicata</i> Herb	4	2	problemas intestinais	4	100,0	0,44	44,0
trevo-cumaru	ACA	<i>Justicia cf. spectabilis</i>	4	4	banhos para vômitos fíns	4	100,0	0,44	44,0
pariri	BIG	<i>Arrabidaea chica</i> (H. & B.) Verl.	5	6	problemas menstruais	3	60,0	0,56	33,6
pirarucu	CRS	<i>cf. Bryophyllum calycinum</i> : Salisb.	5	5	"esipia" (erisipela)	3	60,0	0,56	33,6
andiroba	MEL	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	6	12	ateções de garganta, reumatismo	3	50,0	0,67	33,5
manjerição-esturaque	LAB	<i>Ocimum cf. brasiliensis</i>	6	3	tosse e dor no peito	3	50,0	0,67	33,5
pião-roxo	EUP	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	6	4	uso mágico	3	50,0	0,67	33,5
erva-cidreira gengibre	VRB ZIN	<i>Lippia alba</i> N. E. Br. <i>Zingiber officinale</i> Rosc.	4 5	1 3	calmante reumatismo	3 2	75,0 40,0	0,44 0,56	33,0 22,4
mucura-caá cabacinha	PHI CUC	<i>Petiveria alliacea</i> L. <i>Luffa cf. operculata</i> (L.) Cogn.	5 4	6 7	dor de cabeça fígado, baque	2 2	40,0 50,0	0,56 0,44	22,4 22,0
hortelã-de-panela limãozinho	LAB RUT	<i>Mentha</i> sp. <i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	4 4	2 4	diarréia infantil febre, dor de cabeça	2 2	50,0 50,0	0,44 0,44	22,0 22,0
rincão	VRB	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> Vahl.	4	2	lavagem intestinal e banho	2	50,0	0,44	22,0
urtiga-vermelha	URT	<i>Laportea aestuans</i> (L.) Chev.	4	3	fígado	2	50,0	0,44	22,0

(continua)

Tabela 3. (continuação)

Nome vulgar	PLANTA FAM	Nome científico	Informan- tes citando Nº de es- tados		Usos principais	Informan- tes citando usos prin- cipais	CUP	FC	CUP _c
			pécie	ci- lados					
catinga-de-mulata	LAB	<i>Aeollanthus suaveo- lens</i> Spreng.	4	5	-----	-	---	---	---
amapá	APO	<i>Parahancornia amapa</i> (Huber) Ducke	4	3	fortificante e doenças do pulmão	incompl.	---	---	---
amor-crescido	POR	<i>Portulaca</i> ci. <i>pilos</i> <i>sa</i> L.	4	3	-----	-	---	---	---
pau-d'angola	PIP	<i>Piper</i> ci. <i>alatipetico- latum</i> Yuncker	4	2	-----	-	---	---	---



Tabela 4. Espécies comuns a Itupanema, Vila Nova, Marapanim e Alto do Chão.

NOME VULGAR	NOME CIENTÍFICO	CULTIVADA	ESPONTÂNEA
abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	+	
alecrim-de-planta	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	+	
alho	<i>Allium sativum</i> L.	+	
Amor-crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	+	
andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	+	+
arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	+	
cabacinha	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	+	
caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	+	
canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> L.	+	
cipó-pucá	<i>Cissus sicyoides</i> L.	+	
coco	<i>Cocos nucifera</i> L.	+	
comer-de-jabuti	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) H. B. K.		+
feijão-guandu	<i>Cajanus indicus</i> L.	+	
gingibre	<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	+	
jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.		+
jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	+	
mamão	<i>Carica papaya</i> L.	+	
mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	+	
manga	<i>Mangifera indica</i> L.	+	
marupazinho-vermelho	<i>Eleutherine ct. plicata</i> Herb.	+	
mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	+	
mucura-caá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	+	
oriza	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	+	
pamarijoba	<i>Chamaecrista occidentalis</i> (L.) Irwin & Barn.	+	+
pariri	<i>Arrabidaea chica</i> (H. & B.) Verl.	+	
pião-branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	+	
pião roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	+	
quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> (L.) Muell. Arg.		+
quebra-pedra	<i>Phyllanthus orbiculatus</i> (L. C. Rich. emend.) Muell. Arg.		+
quina	<i>Quassia amara</i> L. f.	+	+
sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	+	
solidônia	<i>Boerhaavia paniculata</i> Rich.	+	+
sucuuba	<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce) Woodson		+
vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.		+
vindicá	<i>Alpinia nutans</i> Rosc.	+	

Outro procedimento deste tipo é pingar óleo de copaíba (*Copaifera* spp.) em ferimento causado por arraia; feito isso, acredita-se que a arraia morre, onde quer que esteja. Assim, eliminou-se a causa do mal. No entanto, o bálsamo de pelo menos uma espécie de copaíba (*Copaifera officinalis*) possui ação anti-inflamatória comprovada, embora o princípio ativo seja desconhecido (Mors 1982)

Outro exemplo: para diminuir a dor de uma ferrada de arraia, deve-se aplicar ao ferimento a resina da aninga (*Montrichardia arborescens*) que é muito urticante. A explicação dada é que "a coceira faz a dor passar" (e podemos imaginar que, como a picada da

arraia é extremamente dolorosa, qualquer sensação menos ruim deve ser preferível a ela). Mas esta planta é citada em outros locais contra picada de cobra e escorpião (Branch & Silva 1983), o que pode estar apontando para uma ação farmacológica deste tratamento.

A utilização de uma espécie para a cura de um mal, por causa de uma característica comum ao vegetal e à doença é um tipo de raciocínio generalizado no pensamento popular ("lei da semelhança", ver Araújo, 1958). Assim, temos a "guaribinha" ou "grão de guariba", samambaia (*Polypodium decumanum*) que apresenta os rizomas cobertos de pêlos compridos, castanho-avermelhados, como a pelagem do macaco (*Alouatta* sp.) que lhe empresta o nome. Estes rizomas são utilizados em decoção ou xarope para curar "tosse de guariba" (coqueluche). É interessante notar que os índios Palikur da Guiana Francesa dão o nome de "grito de guariba" à coqueluche e curam esta doença com o cálice de *Hernandia guianensis*, semelhante ao papo do macaco (Grenand; Moretti; Jacquemin 1987). *Polypodium decumanum* é também associado pelos índios Wayãpi ao guariba, e é utilizado no caso de violação de uma proibição de caça. Este exemplo mostra que existem muitas correspondências entre a representação simbólica das plantas e doenças dos caboclos e dos índios. Um outro exemplo reforça esta idéia: o juqueri (*Mimosa camporum*) é usado em banho pelos caboclos para "amansar crianças", porque "se você pega ele, ele murcha". Grenand (1980) assinala que uma outra espécie de *Mimosa* (*Mimosa polydactyla*) é utilizada pelos Wayãpi para "enfraquecer os inimigos".

Pode acontecer também que a razão mencionada para o uso de uma planta ou preparação se prenda a propriedades físicas que são semelhantes aos efeitos que se deseja. Por exemplo, do "umbigo do ouriço" (opérculo do fruto) da castanha-do-pará, faz-se um "vinho" (maceração) que fica avermelhado. Este vinho é ministrado a doentes de icterícia, ou anêmicos, para "devolver-lhes a cor".

As razões apresentadas para o uso de uma planta estão de acordo com o sistema de pensamento e crenças dos caboclos, com concepções de causa e efeito próprias; embora difiram de uma explicação causal "científica", elas não excluem a possibilidade de uma ação farmacológica da planta. Dado o pouco que ainda se conhece sobre as propriedades da maioria das plantas, é importante não descartar *a priori* estes remédios como ineficazes, apenas porque as explicações dadas para o seu uso se calcam em associações mentais "errôneas" do ponto de vista da ciência ortodoxa.

As observações feitas pelos caboclos demonstram uma grande convivência com o mundo vegetal, ligada à experimentação e investigação constantes das propriedades terapêuticas das plantas.

Uma informante contou que uma vez ela curou uma galinha que havia quebrado a perna dando-lhe sumo de mastruz e enxofre, durante 8 dias, várias vezes ao dia. Depois, quando matou a galinha, foi verificar a fratura e constatou que esta havia se soldado, estando o local marcado por uma substância que ela identificou como sendo o preparado que havia dado à galinha.

Certas plantas devem ser usadas com cautela, caso contrário podem causar acidentes. Um informante, cego de um olho, reporta a sua cegueira ao uso descuidado do pião-branco. Diz ele que estava com dor de cabeça e lhe foi preparado um banho do fruto deste arbusto. Mas a pessoa que preparou não teve o cuidado de tirar a "folhinha" (embrião) de dentro da semente e assá-la. Assim que ele banhou a cabeça, sentiu uma dor intensa na região ocular e ficou cego. Isto não abalou sua fé na eficácia do remédio, que ele recomenda, agora, enfatizando as precauções. De fato, uma proteína tóxica, a curcina, foi detectada em sementes de pião-branco (UNESCO 1984); resta saber se ela seria responsável pela ação citada.

O estado de maturação da espécie, o preparo e conservação dos remédios, denotam conhecimento detalhado da matéria. A fava de impingem só deve ser usada quando verde, pois seca, perde as propriedades terapêuticas. Ao contrário, a casca da verônica e da sucuuba só devem ser empregadas bem secas, senão "fazem mal". O látex da caxinguba deve ser enterrado antes do uso e as folhas da urtiga vermelha, fervidas; assim ambos perdem suas características urticantes. Para conservar as propriedades do "leite" de amapá, ele deve ser fervido com água e depois coado.

A terapia cabocla não é limitada ao ser humano: os cães, outros animais domésticos e os objetos são também passíveis de tratamento; há plantas que, usadas em certas circunstâncias sobre os objetos do paciente, vão anular o efeito negativo de uma dada causa (ex., panema). Assim, seja em contato direto com o corpo, ou não, elas desempenham um papel na cura, o que deixa supor que para entender o sistema terapêutico são necessários estudos mais abrangentes, envolvendo a concepção cabocla das relações entre mundo animal, vegetal e mineral. Uma análise do uso combinado de remédios disponíveis no meio natural e remédios comprados na farmácia poderia, também, contribuir para um melhor entendimento da eficácia e do papel de cada espécie.

6. Alguns elementos constituintes do sistema terapêutico caboclo

A larga utilização do uso tópico de plantas para fins curativos e mágicos aponta para um legado indígena, mas não exclui uma possível interferência européia quanto às suas finalidades. Os ba-

nhos podem ser terapêuticos, geralmente na parte do corpo afetada; podem ser banhos para trazer felicidade, tomados em determinada época do ano ou a intervalos semanais; banhos para "curar" criança que nadou em praia desconhecida (ver Galvão 1976; Maués 1977). Cavalcante e Frickel (1973) assinalam a grande preferência dos índios Tiriyo por tratamentos com remédios de uso externo e entre eles, os remédios aplicáveis como banhos e abluções. Por outro lado, as infusões (chás), largamente utilizadas entre os caboclos, são muito pouco empregadas em tribos indígenas (ex., Tiriyo, Cavalcante & Frickel 1973) ou mesmo desconhecidas (Wayãpi, Grenand & Grenard, 1981-82).

Plantas como andiroba são usadas por toda a região amazônica, a começar pelas tribos de índios, com fins semelhantes. Algumas espécies usadas pelos índios são empregadas pelos caboclos com outras finalidades: *Tanaecium nocturnum* (cipó-curimbó), um alucinógeno utilizado pela tribo Paumari, do rio Purus (Schultes 1984) é empregado em Barcarena em prescrições contra febre. Outro alucinógeno, *Tabernaemontana angulata* (picoró), usado pelos Palikur da Guiana Francesa, é utilizado, em Barcarena, para "curar cachorro". A ruderal *Euphorbia thymifolia* (acurana) é usada igualmente pelos caboclos em Barcarena e Alter do Chão e pelos Maku do rio Uneixu, para curar afecções oculares. Neste caso, é difícil saber em que direção se processou a difusão do conhecimento, já que os Makus são uma tribo de coletores e caçadores nômades.

Várias das plantas mais utilizadas foram introduzidas em época pós-colombiana; plantas como erva-cidreira, mucuracá (ou guiné, em outros locais), os *Ocimum*, vassourinha e mastruz são muito conhecidos em outras regiões do Brasil.

Poucas plantas medicinais e ornamentais são cultivadas pelos índios perto da moradia. Os cuidados especiais que são dispensados pelos caboclos em Barcarena às espécies mais frágeis, como plantio em paneiros, latas e canteiros, conformam-se mais a uma concepção ocidental de cultivo. Por outro lado, mais de acordo com o pensamento indígena, não existe para o caboclo uma distinção rígida entre plantas cultivadas e espontâneas e a planta espontânea pode ter um valor equivalente ou até maior que o da planta cultivada.

6. CONCLUSÃO

As práticas terapêuticas das comunidades estudadas parecem ser um sincretismo de práticas indígenas, mescladas a uma patente herança portuguesa e procedimentos da medicina ortodoxa, sendo a influência africana aparentemente pequena na região. Este sincretismo encontra-se em todos os níveis e é, muitas vezes, difícil saber qual é ou foi a influência predominante. Pode-se supor que a medi-

cina cabocla originou-se de depósitos sucessivos de conhecimento, de uma combinação de conceitos, crenças e usos, derivados de um vasto campo de experimentação. Neste campo, o mundo vegetal e animal vão combinar suas ações com as dos produtos sintéticos e minerais para curar doenças cujas causas se situam tanto no plano orgânico como supra-orgânico e são de difícil individualização.

Deve-se ressaltar, também, que o sistema terapêutico dos caboclos é muito dinâmico, estando aberto às influências externas. Informações sobre novas prescrições, tanto de preparados feitos de plantas e animais, como de remédios vindos da medicina alopática, estão constantemente sendo trazidas à comunidade e testadas, adaptadas e assimiladas às concepções já existentes.

Estes fatos fazem do sistema terapêutico caboclo um rico campo de estudos, abrindo possibilidades de exploração que serão melhor aproveitadas em uma pesquisa interdisciplinar. O conhecimento deste universo poderá reverter em benefícios para os dois lados: para os caboclos, fornecendo subsídios para a implantação de programas de saúde mais adaptados ao seu sistema cultural e para a otimização do uso de plantas com ação farmacológica comprovada; para a sociedade envolvente, através do resgate de um riquíssimo acervo de conhecimentos sobre o manejo e aproveitamento dos recursos vegetais e das implicações que isto pode ter a longo prazo na conservação de um patrimônio genético valioso e na pesquisa de novas drogas com potencial terapêutico.

AGRADECIMENTOS

Aos moradores de Itupanema e Vila Nova, pela colaboração incondicional. Ao Museu Paraense Emílio Goeldi (CNPq), pelo suporte financeiro durante a pesquisa. À Fundação Ford pelo apoio financeiro à última excursão, à viagem de Anne Gély para São Paulo e pela datilografia. Pela leitura crítica do manuscrito, a Anthony Anderson, Dominique Buchillet, Elaine Elisabetsky, Pierre Grenand, Jean-Louis Guillaumet e Darrell Posey. Pela ajuda na identificação do material botânico, a Nelson Rosa, Paulo Cavalcante, Ricardo Secco, A. Sérgio Silva, J. Ubiratan dos Santos, Jacques Jangoux, M. Nazaré Bastos, e Yone Bermeguy do Museu Goeldi; R. M. Harley do Royal Botanic Gardens, Kew; J. R. Pirani da USP; I. Cordeiro do IBT-SP; e a A. Furlan da UNESP-SP. Pelo cultivo das mudas no viveiro do MPEG, a Constantino Alcântara Neto. Pela datilografia, a Lylianne Theodoro; pelos desenhos, a Rafael Alvarez. Por fim, ao Dr. Renato de Castro, pelas informações sobre saúde no Município de Barcarena e a Eduardo Martins, pelo apoio e incentivo constantes.

APÊNDICE 1. PLANTAS COM USOS TERAPÊUTICOS NA REGIÃO DE BARCARENA: ASPECTOS ECOLÓGICOS
Explicações das convenções no fim da tabela.

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	N ^o Coleta	Hábito	Habitat	Cultivada/		Origem da planta	
							espontânea	N	Pre. c	Pos. c
Abacate	A	LAU	<i>Persea americana</i> Mill.	*	A	Q/S	C	X		X
Abre-caminho 1		ACA	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	AG681	H	Q	C	X		
Abre-caminho 2	T	MNS	<i>Sciadotaenia</i> cf. <i>ca-yennensis</i> Benth.	AG693	C	C/M	E	X		
Açaí	T	PAL	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	*	A	S/V	C/E	X		
Acapu	T K	CSL	<i>Vouacapoua americana</i> Aubl.	AG701	A	T	E	X		
Acurana	T	EUP	<i>Euphorbia thymifolia</i> L.	CA232	H	Q/R	E	X		
Alecrim-de-planta		VRB	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	CA218	a	Q	C		X	
Alfavaca		LAB	<i>Ocimum micranthum</i> Willd.	AG229	H	Q	C		?	
Alfavaca-brava		RUT	<i>Monnina trifolia</i> L.	CA194	H	C	E	X		
Alfavacão, alfavaca-de-angola		LAB	<i>Ocimum</i> cf. <i>viride</i> Willd.	AG230	H	Q	C		?	
Alho		LIL	<i>Allium sativum</i> L.	*	H		C	X		
Amapá	T	APO	<i>Parahancornia amapa</i> (Huber) Ducke	AG646	A	M	E	X		
Amor-crescido		POR	<i>Portulaca</i> cf. <i>pilosa</i> L.	AG680	H	Q	C		?	
Amor-crescido-pajé		POR	<i>Portulaca pilosa</i> L.	CA260	H	Q/A	C/E		?	
Anador-em-planta		CLU	ver trevo-coitadinho	AG262	A	M	E	X		
Anani	T	ARA	<i>Symphonia globulifera</i> L. f.		H	S	C	X		
Andiroba	T	MEL	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	AG617	A	M	E/C	X		
Aninga 1	T	ARA	<i>Montricharia arborescens</i> Schott	CA238	H	V	E	X		
Aninga 2	T	ARA	<i>Dieffenbachia</i> cf. <i>seguirene</i> (L.) Schott	AG688	H	S	C	X		
Aninga 3	T	ARA	<i>Dorstenia asaroides</i> Gard.	AG704	H	C	E/C?	X		
Apif	T	MOR	<i>Coussapoa</i> cf. <i>latifolia</i> Aubl.	AG250	H	Q	C/E	X		
Apuf	T	MOR		AG259	a	V	E	X		

(continua)

APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	N ^o Coleta	Hábito	Habitat	Cultivada/ espontânea	Origem da planta	
								Pre. c	Pos. c
Arataciú	T?	EUP	<i>Sagotia racemosa</i> Baill.	AG696	A	C/V	E	X	
Arlá-de-cheiro	T P	MRN	<i>Calathea</i> sp.	CA231	H	Q	C	X	
Arrujá		RUT	<i>Ruta graveolens</i> L.	AG684	H	Q	C		X,
Aturfiá	T?	PPL	<i>Machaerium lunatum</i> (L. f.) Ducke	AG600	a	V	E	X	
Banana		MUS	<i>Musa</i> spp.	.	H	Q/S	C		?
Bastão-de-são-josé			ver cebola-berrante						
Batatão		CNV	<i>Operculina alata</i> (Ham.) Urban	AG590	T	S	E	X	
Baunilha		ORC	<i>Vanilla</i> sp.	CA204	T	V	E/C	X	
Beldroega		POR	<i>Portulaca oleracea</i> L.	CA124	H	Q	C		X
Biribá	T	ANN	<i>Rollinia mucosa</i> Baill.		A	Q/S	C	X	
Boituna	T	ARA	<i>Monstera</i> sp.	CA222	T	Q	C		
Brasileira		ARA	<i>Caladium lindenii</i> Hort. ex Engl.	AG670	H	Q	C		?
Breu-branco		BRS	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	AG255	A	M	E	X	
Buiuçu	T	PPL	<i>Ormosia coutinhoi</i> Ducke	CA228	A	V	E	X	
Cabacinha		CUC	<i>Luffa</i> cf. <i>operculata</i> (L.) Cogn.	φ	T	Q	C		?
Cabi branco	T P	MLP	<i>Cabi paraensis</i> Ducke	AG679	T	Q	C	X	
Cabi preto	T P	MLP	<i>Cabi paraensis</i> Ducke	CA205	T	Q	C	X	
Caté		RUB	<i>Coffea arabica</i> L.	AG652	a	Q/S	C		X
Caté moka		RUB	<i>Coffea canephora</i> Pierre ex Froehner	CA121	a	Q/S	C		X
Caté moka pequeno		RUB	<i>Coffea</i> sp.	CA122	a	Q/S	C		X
Caju	T	ANA	<i>Anacardium occidentale</i> L.	AG661	A	Q	C	X	
Cama-de-menino-deus		URT	<i>Pilea</i> cf. <i>microphylla</i> Griseb	CA210	H	Q	C		X
Camapu	T	SOL	<i>Physalis angulata</i> L.	CA251	s.a.	R	E	X	

(continua)

APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	Nº Coleta	Hábito	Habitat	Cultivada/ espontânea	Origem da planta	
								Pre. c	Pos. c
Camembeca	T	PGL	<i>Polygala spectabilis</i> D. C.	AG239	H	C/T	E	X	X
Cana-de-açúcar		GRM	<i>Saccharum officinarum</i> L.		H	Q	C		
Canarana	P T	ZIN	<i>Costus cf. spicatus</i> (Jacq.) S. W.	AG279	H	Q	C	?	
Canela		LAU	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> L.	AG659	A	S	C		X
Cânfora, canforinha		LAB	<i>Hyptis suaveolens</i> Poit.	AG263	H	Q/S	C/E	?	
Cantá	T?	LAB	ver. jenipapo-do-mato						
Capim-estrela	TP	CYP	<i>Killinga</i> sp.	CA226	H	R	E	X	
Capim-marinho, capim-santo	TP	GRM	<i>Cymbopogon citratus</i> (De Candolle) Stapf.	CA245	H	Q	C		X
Caramelo		SCR	cf. <i>Bacopa</i> sp.	AG663	H	Q	C		
Carapanã	T	APO	<i>Aspidosperma auriculatum</i> M. G. F.	AG651	A	T	E	X	
Carrapatinho		PIP	<i>Peperomia circinnata</i> Link.	CA132	T	Q/S	E/C	?	
Carucaá	T	BOR	<i>Cordia multifspicata</i> Cham.	CA213	a	R	E	X	
Castanha-do-pará		LCY	<i>Bertholletia excelsa</i> Humb. & Bonpl.		A	S/T	C/E	X	
Catinga-de-mulata	T P	LAB	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Spreng.	AG251	H	Q	C		?
Catinga	T	MLS	<i>Clidemia hirta</i> D. Don.	CA092	H	R	E	X	
Caxingüba	T	MOR	<i>Ficus insipida</i> Willd.	AG604	A	V	E	X	
Cebola-berrante		AML	<i>Hippeastrum puniceum</i> Urb.	CA233	H	Q	C	?	
Cebolinha-berrante		AML	<i>Hymenocallis</i> sp.	CA249	H	Q	C/E	X	
Cedro		MEL	<i>Cedrela odorata</i> L.	CA241	A	S/T	C/E	X	
Chega-te-a-mim		AMA	cf. <i>Amaranthus</i> sp.	AG675	H	Q	C		
Chicória		UMB	<i>Eryngium foetidum</i> L.	CA250	H	Q	C		X

(continua)

APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	Nº Coleta	Hábito	Habitat	Cultivada/ espontânea	Origem da planta	
								N	I
								Pre. c	Pos. c
Churu	I	cf. LCY			A	T	E		
Cidreirarana	P T	VRB	<i>Lantana camara</i> L.	CA230	a	Q/R	C/E	X	
Cipó-alho	T P	BIG	<i>Pachyptera alliacea</i> (Lam.) A. Gentry	CA179	T	Q	C/E	X	
Cipó-catinga	T	CMP	<i>Mikania amara</i> Will.	AG689	C	S	C	X	
Cipó-cumacaf	T	THY	<i>Lophostoma cataphylloloides</i> Meissn.	AG256	T	V	E		
Cipó-curimbó	T	BIG	<i>Tanaecium nocturnum</i> (Barb. Rodr.) Bur. et K. Sch.	CA221	T	Q	C	X	
Cipó-de-fogo	T P		<i>ver muruteteca</i>		C		E	X	
Cipó-ipiranga, cipó-piranga	T	BIG	<i>Cydista aequinoctialis</i> (L.) Miers	AG697	C	M	E	X	
Cipó-luira, cipó-iuira	T	ANN	<i>Guatteria scandens</i> Ducke	CA235	T	C/M	E	X	
Cipó-pucá	T	VIT	<i>Cissus sicyoides</i> L.	CA219	T	Q	C	X	
Coco		PAL	<i>Cocos nucifera</i> L.		A	Q	C		X
Coitadinha		CNV	<i>Cuscuta trichostyla</i> Engelm.	CA174	P	Q	C/E	X	
Comer-de-jabuti	P T	PIP	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) AG283		H	R	E	X	
Comigo-ninguém-pode		ARA	<i>Dieffenbachia cf. parviflora</i> Engl.	AG672	H	Q	C	X	
Cominho-de-planta		CMP	<i>Pectis elongata</i> H. B. K.	AG267	H	Q	C	?	
Copaliba	T	CSL	<i>Copaifera</i> spp.		A	T	E	X	
Coramina		EUP	<i>Pedilanthus</i> sp.	CA126	H	Q	C		X
Coré	I	MIM	<i>Parkia oppositifolia</i> Spr. ex Bth.	AG691	A	C	E	X	
Corrente-branca 1		AMA	<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng) Pederson	AG643	H	Q	C		?
Corrente-branca 2		AMA	<i>Pfaffia glabrescens</i> Suess.	CA173	H	Q	C		?
Corrente-roxa 1		CMM							
Corrente-roxa 2		AMA	<i>Alternanthera brasiliana</i> Kunt.	AG290	H	Q/R	C/E	X	

(continua)

APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	Nº Coleta	Hábito	Habitat	Cultivada/		Origem da planta	
							espontânea	N	Pre. c	Pos. c
Cravinho-do-mato		CMP	<i>Eupatorium odoratum</i> L.	CA212	H	R	E	X		X
Cravo		CMP	<i>Tagetes cf. erecta</i> L.	AG657	H	Q	C			X
Cravo-de-tufo		CMP	<i>Tagetes</i> sp.	AG666	H	Q	C			X
Croatá, crauatá	T	BML								
Cumatu	T	PPL	<i>Dipterix odorata</i> (Aubl.) Willd.	CA237	A	T	E	X		
Cupuaçu	T	STR	<i>Theobroma grandiflorum</i> K. Sch.	*	A	S/Q	C	X		
Dinheiro-em-penca		EUP	<i>Phyllanthus</i> sp.	CA255	s.a.	Q	C			
Disciplina		CMM	cf. <i>Tradescantia</i> sp.	AG669	H	Q	C			
Embaúba-branca 1	T P	MOR	<i>Cecropia palmata</i> Willd.	CA240	A	C	E	X		
Embaúba-branca 2	T P	MOR	<i>Cecropia cf. concolor</i> Willd.	CA261	A	C	E	X		
Erva-de-chumbo		VRB	<i>Lippia alba</i> N. E. Br.	CA189	C	CP	E			X
Erva-cidreira, cidreira					a	Q	C			X
Erva-de-jabuti			ver comer-de-jabuti							
Erva-de-melão		CUC	<i>Momordica charantia</i> L.	AG662	T	Q/R	C/E			?
Erva-doce		UMB	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.		H	Q	C			X
Escada-de-jabuti	P T	CSL	<i>Bauhinia guianensis</i> Aubl.	AG242	C	M	E	X		
Esteio		MRN		AG668	H	S	C			
Esturraque		MRT	ver manjeriço							
Eucalipto		ACA	<i>Eucalyptus</i> sp.	AG687	A	Q	C			X
Eucalipto-preto					a	Q	C			
Fava, fava de impingem		PPL	<i>Vatairea guianensis</i> Aubl.	AG621	A	V	E	X		
Fedegoso 1		AMA	<i>Amaranthus lividus</i> L.	CA110	H	R	E			X
Fedegoso 2		BOR	<i>Heliotropium indicum</i> L.	CA208	H	Q/R	C/E			X
Feijão-guandu, cuiá-feijão-guandu		PPL	<i>Cajanus indicus</i> L.	CA192	a	Q	C			X

(continua)

APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	Coleta	Hábito	Habitat	Cultivada/		Origem da planta	
							espontânea	N	Pre. c	Pos. c
Ganha-aqui-ganha-acolá 1		CRS	<i>Bryophyllum</i> sp.	AG667	H	Q	C			
Ganha-aqui-ganha-acolá 2		CMM	<i>Commelina</i> sp.	AG660	H	Q	C			
Gapuf	T	BIG	<i>Martinella obovata</i> (H. B. K.) Bur. et K. Schum.	CA220	T	Q	C/E		X	
General										
Gengibre		ZIN	<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	CA242	H	A	S		C	X
Gergelim		PED	<i>Sesamum indicum</i> L.	AG300	H	T	C			X
Goiaba	I	MRT	<i>Psidium guajava</i> L. ver guaribinha		A	Q/S	C		?	
Grão-de-guariba										
Guanabara-branca										
Guaribinha	T P	PLP	<i>Polypodium decumanum</i> Willd. <i>Coleus amboinicus</i> Louf.	CA184 CA119	E H	S Q	E C		X	X
Hortelã-do-mara-nhão		LAB								
Hortelã-pimenta		LAB	<i>Mentha cf. piperita</i> L.	AG673	H	Q	C			X
Hortelã-de-panela 1		LAB	<i>Mentha</i> sp.	CA185	H	Q	C			X
Hortelã-de-panela 2			ver caramelo							
Incenso-de-planta		CMP	<i>Centratrum punctatum</i> Cass.	AG274	H	Q	C		X	
Ipecaconha	T	VIO	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Schultze	CA217	H	R	E		X	
Jacarezinho	T P	ARA	<i>Syngonium angustatum</i> Schott.	AG690	C	S	C			?
Jambu-açu	P T	PIP	<i>Piper ottonooides</i> Yun.	AG243	H	C	E		X	
Jamburana	P T	CMP	<i>Spilanthes cf. acmella</i> (L.) Murr.	AG292	H	Q	C		?	

(continua)

APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	N ^o Coleta	Hábito	Habitat	Cultivada/ espontânea	Origem da planta	
								N	I
								Pre. c	Pos. c
Japana branca	Ar P	CMP	<i>Eupatorium: ayapana</i> Venten.	CA106	H	Q	C	?	
Japana roxa	Ar P	CMP	<i>Eupatorium: ayapana</i> Venten.	CA197	H	Q	C	?	
Jaramacaru	T	CAC			H	Q	C	?	
Jasmim-de-cachorro, jasminzinho-do-mato		APO	<i>Tabernaemontana flavicans</i> R. & S.	cf. CA211	s.a.	R	E	X	
Jataíba	T	SAP	<i>Pseudima frutescens</i> (Aubl.) Radlk.	AG703	A	C	E	X	
Jatobá	T	CSL	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	AG649	A	T	E	X	
Jenipapo-do-mato	T P	RUB	<i>Tocoyena foetida</i> Poepp. & Endl.	CA257	a	C	E	X	
Jeniparana	T	LCY	<i>Gustavia augusta</i> L.	CA206	A	C	E	X	
Jibolinha	T P	ARA	<i>Scindapsus aureus</i>	AG685	C	Q	C		?
Jipoca	T	MIM	<i>Entada polyphylla</i> Benth.	CA130	C	C	E	X	
Juá	T	SOL	<i>Solanum toxicarium</i> Lam.	CA098	s.a.	R	E	X	
Jucá	T	CSL	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	AG658	A	Q	C	?	
Juqueri manso	T P	MIM	<i>Mimosa camporum</i> Benth.	CA094	s.a.	R	E	X	
Jurubeba	T	SOL	<i>Solanum crinitum</i> Lam.	CA096	a	R	E	X	
Juuna	T	SOL	<i>Solanum juripeba</i> Rich.	CA104	s.a.	R	E	X	
Lacre		CLU	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	CA224	A	C	E	X	
Laranja-da-terra		RUT	<i>Citrus aurantium</i> L.	CA182	A	Q	C		X
Limão galego		RUT	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	CA180	A	Q	C		X
Limãozinho		RUT	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	CA181	A	Q	C		X

(continua)

APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	Nº Coleta	Hábito	Habitat	Origem da planta	
							Cultivada/ espontânea	N Pre. c Pos. c
Língua-de-vaca		CMP	<i>Elephantopus mollis</i> H. B. K.	CA256	H	R	E	X
Lombrigueira		LOG	<i>Spigelia cf. antheimia</i> L.	AG273	H	V	E	X
Maçaranduba	T	SPT	<i>Manilkara cf. huberi</i> (Ducke) Standley	AG645	A	T	E	X
Macucu	T	CHB	<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	AG699	A	V	E	X
Malvarisco			ver santa-bárbara		A	Q	C	X
Mamão	P.T	CRC	<i>Carica papaya</i> L.		a	Q	C	
Mamona		EUP	<i>Ricinus communis</i> L.	CA248	H	T/C	E	
Manacá-de-caititu	T				A	Q/S	C	X
Manga		ANA	<i>Mangifera indica</i> L.		A	V	E	X
Mangue		RHZ	<i>Rhizophora mangle</i> L.	AG647	A	Q/S	C	X
Manjerição, manjeri- cão-esturaque		LAB	<i>Ocimum cf. brasiliensis</i>	CA123	H	Q	C	?
Maracujá-morcegui- nho	T.P	PAS	<i>Passiflora foetida</i> L.	AG676	T	S	E	X
Marapuama	T.P?	OLC	<i>Ptychopetalum olacoides</i> Benth.		A	T/C	E	X
Marapuama-de-cu- tia, marapuama-cha- péu-de-cutia	T.P?	OLC	<i>Aptandra tubicina</i> (Poepp) Benth ex Miers	CA259	A	C/T	E	X
Marcela, marcelão		CMP	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Capriera	CA178	H	Q	C	?
Maria-mole			ver Coleta					
Marupazinho, maru- pazinho vermelho	T.P	IRI	<i>Eleutherine cf. plicata</i> Herb.	CA186	H	Q	C	X
Marupazinho-do- mato	T.P	SMR	<i>Simaruba amara</i> Aubl.	AG254	a?	C	E	X
Mastruz		Ch.N	<i>Chenopodium sioides</i> L.	CA188	H	Q	C	?
Mata-pasto-do-gran- de		CSL	<i>Cassia alata</i> L.	CA190	a	Q/R	C/E	X

(continua)

APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	Nº Coleta	Hábito	Habitat	Cultivada/ espontânea	Origem da planta	
								Pre. c	Pos. c
Mata-pasto-do-miúdo		CSL	<i>Senna obtusifolia</i> (L.) Irwin & Barneby	CA093	s.a	Q/C	C/E	X	
Melão-de-são-caetano			ver erva-de-melão						
Mendoca	T	VRB	<i>Amasonia campestris</i> (Aubl.) Mold.	AG227	H	R	E	X	
Miçanga-de-nossa-senhora		GRM	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	AG286	H	Q	C		X
Milho		GRM	<i>Zea mays</i> L.	*	H	r	C		X
Mucajá	T K	PAL	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	*	A		E/C	X	
Mucura-caá	T	PHT	<i>Peiveria afflicta</i> L.	AG252	H	Q	C		?
Mundubirana	T	PPL	<i>Desmodium adscendes</i> DC.	AG674	H	R	E	X	
Murta-cabeluda		MRT	<i>Myrcia bracteata</i> (Rich.) D. C.	CA105	a	R	E	X	
Murta-pedra-ume		MRT	<i>Eugenia cf. biflora</i> L. C.)	AG692	s.a.	R	E	X	
Murtinha		MRT	<i>Myrciaria tenella</i> (D. C.) Berg	AG665	a	S	C/E	X	
Muruci-sacaca	T	CNN	<i>Connarus perrotetii</i> (D. C.) Planchon	AG654	A	C	E	X	
Mururé 1	T	MOR	<i>Brosimum acutifolium</i> Hub.		A	T	E	X	
Mururé 2	T	ARA	<i>Pistia stratiotes</i> L.	*	m.a.	A	C/E	X	
Muruteteca	T	DLL	<i>Davilla kunthii</i> St. Hil.	AG702	C	C	E		?
Óleo-elétrico		PIP	<i>Piper callosum</i> Ruitz et Pav.	AG278	H	Q	C		X
Oriza		LAB	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	AG228	s.a.	Q	C		X
Pamarijoba 1, pramarioba	T	CSL	<i>Chamaecrista occiden-talis</i> (L.) Irwin & Barneby	CA200	s.a.	R/Q	C/E	X	

(continua)

APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	N ^o Coleta	Hábito	Habitat	Cultivada/		Origem da planta	
							espontânea	N	Pre. c	Pos. c
Pamarrijoba 2	T	CSL	<i>Cassia</i> sp.	AG678	a	Q	C	X		X
Pampulha	MLV		<i>Hibiscus rosa-sinen-</i>	CA175	a	Q	C			
Panama	T	OXL	<i>Oxalis</i> cf. <i>oxyptera</i> Prog.	CA187	H	Q	C	X		X
Para-tudo	SMR		<i>Simaba cedron</i> Planch.	CA236	A	C	E	X		X
Pariri	T	BIG	<i>Arrabidaea chica</i> (H. & B.) Verl.	CA201	T	Q	C	X		X
Pataqueira	T	SCR	<i>Conohea scoparioides</i> Benth.	CA116	H	V/Q	E/C			X
Patchuli	GRM		<i>Vetiveria zizanioides</i> (L.) Nash.	CA227	H	Q	C			?
Pau d'angola	PIP		<i>Piper</i> cf. <i>atitipicolatum</i> Yuncker	CA214	H	Q	C			
Pau-de-moqueém	P T	CMP	<i>Vernonia</i> cf. <i>scabra</i> Perts.	CA127	H	Q	C			
Paxiúba	T	PAL	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) Wendland	AG638	A	V	E	X		
Pé-de-galinha	GRM		<i>Eileusine indica</i> Gaertn. ver solidônia	CA131	H	Q/R	E			?
Pega-pinto	RUB		<i>Psychotria colorata</i> (Willd. ex R. & S.) M. Atg.	AG225	H	R	E	X		
Perpétua-do-mato										
Pião-branco	EUP		<i>Jatropha curcas</i> L.	AG280	a	Q	C			X
Pião-toxo	EUP		<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	AG289	a	Q	C			X
Picoró, pocoró	T	APO	<i>Tabernaemontana an-gulata</i> Mart. ex Muell. Atg.	AG299	s.a.	C	E	X		
Pimenta-de-lagarto	RUB		<i>Coccocypselum</i> cf. <i>ton-tame</i> H. B. K.	AG695	H	T/C	E	X		
Pimenta-malagueta	SOL		<i>Capsicum frutescens</i> L.	CA247	s.a.	Q	C			X
Pindá					C	V	E			
Pingo-de-ouro	T	CMP	<i>Wedelia patulosa</i> D. C.	AG293	H	Q/R	C/E	X		

(continua)

APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome FAM	Nome científico	Nº Coleta	Hábito	Habitat	Cultivada/espontânea		Origem da planta	
						N	I	Pre. c	Pos. c
Piquiá	T	<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers.	*	A	S	C	X		
Pirarucu	T	<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb.	AG245	H	Q	C		X	
Pluma		cf. <i>Tanacetum vulgare</i> L.	CA207	H	Q	C			X
Pracaxi	I	<i>Pentaclethra macroloba</i> (Willd.) Kuntze	AG258	A	M	E		X	
Pracuaba	T	<i>Mora paraensis</i> Ducke	AG265	A	C	E		X	
Pripioça	T	<i>Cyperus</i> sp.	CA215	H	Q	C			
Puruá	T	<i>Calladium bicolor</i> A. T.	AG694	H	Q	C		X	
Quebra-pedra, quebra-pedra vermelho		<i>Phyllanthus orbiculatus</i> (L. C. Rich. emend.) Muell. Arg.	CA112	H	Q/R	E		X	
Quebra-pedra-branco, quebra-pedra-roxo		<i>Phyllanthus niruri</i> (L. emend.) Muell. Arg.	AG237	H	Q/R	E		X	
Quina		<i>Quassia amara</i> L. f.	AG650	A	Q/T	C/E		X	
Rinção, rinção branco		<i>Stachytarpheta yennensis</i> Vahl.	ca-AG276	s.a.	R/Q	E/C		X	
Rosa-bacuri	P T	<i>Peireskia</i> cf. <i>grandifolia</i> Howard	CA198	a	Q	C			?
Sabugueiro		<i>Sambucus nigra</i> L.	AG287	s.a.	Q	C			X
Sabugueiro-do-ser-tão			CA199	H	Q	C			
Saiva-de-marajó		<i>Hyptis</i> sp.	AG605	H	Q	C			?
Santa-bárbara		<i>Piper marginatum</i> Jacq.	AG218	H	R	E		X	
Sapatinho-de-nossa-senhora		ver coramina							
Sapucaia	T	<i>Lecythis</i> cf. <i>pisonis</i> Cambess ssp. <i>usitata</i> (Miers) Mori & Prance	CA239	A	C/T	E		X	
Seringueira		<i>Hevea brasiliensis</i> M. Arg.	M. AG618	A	M/S	E/C		X	

(continua)



APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	Coleta	Hábito	Habitat	Cultivada/ espontânea	Origem da planta	
								Pre. c	Pos. c
Solidônia		NYC	<i>Boerhavia paniculata</i> Rich.	AG602	H	O/R	C/E	X	
Sombra-de-mundo	T		ver para-tudo					X	
Sororoca	T	BAS	<i>Boussingaultia</i> sp.	CA115	T	Q	C		
Sucuriju	T	APO	<i>Himatanthus succuba</i> (Spruce) Woodson	CA258	A	M	E	X	
Sucuuba									
Tabaco	A	SOL	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	AG684	H	Q	C		X
Tabacorana	AT	GEN	<i>Lisianthus chelonoides</i> L.	CA114	H	Q/R	C/E	X	
Tajá 1	T	MRN	<i>Calathea</i> sp.	AG248	H	Q	C	X	
Tajá 2	T	ARA	cf. <i>Xanthosoma</i> sp.		H	Q	C	?	
Tajá-de-sol	TP	ARA	<i>Caladium bicolor</i> A. t.	AG671	H	Q	C	X	
Tamanqueira		RUT	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	CA234	A	C	E	X	
Tançagem		PTG	<i>Plantago major</i> L.	CA243	H	Q	C		X
Taperebá	T	ANA	<i>Spondias mombin</i> L.	AG620	A	S/C/V	E/C	X	
Tauari	T	LCY	<i>Couratari guianensis</i> Aubl.		A	T	E	X	
Trevo-coitadinho		AMA	<i>Alternanthera bettziana</i> (Regel) Vorr.	CA202	H	Q	C		?
Trevo-cumaru		ACA	<i>Justicia</i> cf. <i>spectabilis</i> T.	AG686	H	S	C	X	
Trevo-roxo		LAB	Anders ex C. B. Clarke		H	Q	C	?	
Tucumá	T	PAL	<i>Scutellaria</i> sp. Mart.	CA125	H	A	E	X	
Ucuuba branca	T B	MYS	<i>Virola</i> cf. <i>elongata</i> (Benth.) Warb.	AG644	A	C/V	E	X	
Urtiga-braba-macho,		URT	<i>Laportea aestuans</i> (L.) Chev.	AG682	H	R/Q	E/C	X	
Urtiga-vermelha		EUP	<i>Jatropha urens</i> L.	AG683	H	R/Q	E/C	X	

(continua)

APÊNDICE 1. (continuação)

Nome vulgar	Origem do nome	FAM	Nome científico	Nº Coleta	Hábito	Habitat	Origem da planta	
							Cultivada/ espontânea	N Pre. c Pos. c
Urubaçaá	T	ARS	<i>Aristolochia trilobata</i> L.	AG217	T	Q	C	?
Urucu	T	BIX	<i>Bixa orellana</i> L.	CA246	a	Q	C	?
Vassourinha		SCR	<i>Scoparia dulcis</i> L.	CA225	H	R	E	X
Vassourinha-de-bo-tão			ver ganha-aqui-ganha-acolá 2					
Vence-tudo			ver ganha-aqui-ganha-acolá 2					
Verônica		PPL	<i>Dalbergia monetaria</i> L.	CA223	T	V	E	X
Vinagreira, greira roxa	vina-	MLV	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	CA097	a	Q	C	X
Vindica		ZIN	<i>Alpinia nutans</i> Rosc.	AG238	H	Q	C	X

88

Abreviações

1. Origem do nome

- A = Asteca
- Ar = Arawak
- J = Indígena
- K = Karib
- PT = Português-Tupi
- TP = Tupi-Português
- T = Tupi

2. Família

Abreviações das famílias segundo Weber (1962)

3. Coleta

- ∅ = não coletado, mas identificado no campo
- φ = fruto coletado
- AG = Anne Gely
- CA = Christina Amorozo

4. Hábito

- A = árvore
- a = arbusto
- s.a. = sub-arbusto
- H = herbácea
- C = cipó
- T = trepadeira
- P = parasita
- E = epífita
- m.a. = macrófita aquática

5. Habitat

- Q = quintal
- C = capoeira
- T = mata de terra firme
- V = várzea
- R = ruderal
- A = aquático
- S = sítio
- CP = campo
- r = roça
- M = mata de várzea e terra firme

6. Cultivada/ espontânea

- C = cultivada
- E = espontânea

7. Origem da planta

- N = nativa
- I = introduzida
- Pre.c = Pré-colombiano
- Pos.c = Pós-colombiano

APÊNDICE 2- PLANTAS COM USOS TERAPÊUTICOS NA REGIÃO DE BARCARENA: UTILIZAÇÃO

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação	Observações	Outros Usos
Abacate	para dar "força no sangue" (1) para fortalecer	folha folha	Chá. Ferver com raiz de vassourinha e folha de pião branco. Tomar durante 8 dias. Garratada. Com vários outros ingredientes. Ver amapá.	Nesta preparação, usa-se a variedade de abacate amarelado.	alimentar (frutos).
Abre-caminho 1	uso mágico	folha	Banho. Estregar as folhas na água e colocar no sol.		
Abuta	"sangue em-bolado" (1) fratura	caule	Ferver e tomar com arnica.	Tanto a variedade preta como a branca são usadas.	
Açaí	baque	casca caule	Emplastro. Ralar a abuta, tirar o sumo do mastruz e da corrente e colocar sobre a fratura.		
Acapu	diarréia	casca caule	Emplastro. Socar vassourinha, misturar o sumo com a abuta e colocar sobre o baque. Também é bom para Bater para tirar o suco. Tomar bem grosso. Pode adicionar pedra de cânfora.		alimentar (frutos e palmito)-madeira.
Acurana	para fortalecer	casca	Garratada com vários outros ingredientes. Ver amapá. Ou chá com gema e maçanoduba. Pingar o látex no olho.		tempero.
Alecrim-de-pianta	carne crescida no olho	látex	Banho na cabeça.		
Alfavaca	dor de cabeça gripe	folha folha	Banho na cabeça. Ferver com folha de capim-marinho e corrente branca, deixar esfriar, colocar no sereno e usar no dia seguinte de manhã. Ou ferver com folha de feijão-guandu, folha de laranja-da-terra e alfavaca Colocar um comprimido de Melhoral, esperar esfriar e banhar a cabeça. Ou acrescentar folha de pião branco, oriza e corrente-branca.		(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Alfavaca	dor de cabeça	folha	Banho na cabeça. Com folha de feijão-guandu e capim-marinho.		
	tosse	folha	Xarope com caldo de laranja-da-terra.		
Alfavaca-brava	tontura	folha	Banho na cabeça.		
	frieira	folha	Banho com casca de piquiá e casca de castanha. Ferver com uma pitada de sal e mergulhar os pés.		
Alfavacão	gripe	folha	Banho na cabeça. Ferver a folha.		
	dor de garganta	folha	Banho na cabeça. Ferver com folha de eucalipto.		
	dor de cabeça	folha	Banho na cabeça. Com folha de pau d'angola, limãozinho, colocar Me-lhoral e banhar a cabeça de manhã cedo. Ou ferver com folha de limão galego (ou colocar no sol) e banhar a cabeça. Ou ainda ferver com folha de pião branco ou folha de pião roxo.		
	sarampo, catapora, alastrim	folha	Banho. Ferver com folhas de oriza e banhar o corpo depois que as erupções secaram.	Depois deste banho, pode tomar banho na maré que não faz mal.	
Alho	vermes	dente	Com arruda e mastruz.		
	febre	dente	Chá com folha de cravo.		
	"doença que deixa o queijo duro" (2)	dente	Fricção. Com cipó-pucá, folha de cravo amarelo, um pouco de copaíba. Juntar tudo e friccionar o local.		
	garganta inflamada	dente	Pincelamento. Com óleo de andiroba, mel de abelha, limão e Vick Vaporub.		
				Enrolar o dedo com algodão e passar na garganta inflamada. Ou assar um dente e passar com mel de abelha.	

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Amapá	bronquite resfriado	e látex	Xarope. Ferver folhas secas de caru- cá, derramar amapá e mel de abe- lha. Ferver novamente e tomar.	Abre o apetite, dá disposição e sono. Para con- servar, ele é fervido em par- tes iguais com água e coado.	
	para fortalecer	látex	Garratada. Colocar ao sol para secar casca de anani, casca de sucuba e casca de verônica com folhas de sal- va e alecrim. Ferver tudo. Coar, colo- car novamente no fogo com "leite" de amapá e ferver novamente. Tomar meio copo todos os dias pela manhã. Garratada para mulher: ferver folha de café, abacate, pião-branco, ale- crim, salva de marajó, casca de verô- nica e anani, uma pitada de casca de sucuba seca ralada. Coar, acres- centar "leite" de amapá com mel de abelha e ferver. Ou ferver folha seca de quina, casca de acapu e folha de canela. Tirar os bagaços, levar no- vamente ao fogo e colocar "leite" de amapá com erva-doce e mel de abe- lha.		
			Garratada para homem: ferver casca de verônica, anani, sucuba e "leite" de amapá. O "leite" fervido com água pode ser tomado com café, emulsão Scott, Fimatosan ou Biotôni- co Fontoura. Deixar no sereno e to- mar um cálice toda manhã. Não é aconselhável sair no sol em seguida.		

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Amor-crescido	"esipla" (3)	ramo com folhas	Banho na cabeça. Ferver com folha de vinagreira roxa e banhar a cabeça. Emplastro. Secar, misturar com álcool e colocar sobre a parte afetada.		
	fígado	broto	Chá. Também ferver com folha de sucuriju e tomar.		
	golpe	ramo com folhas	Bater o ramo, tirar a "baba" e colocar sobre o local.		
Amor-crescido-pajé	dor de barriga, diarreia, fígado	ramo com folhas.	Chá.		
Anani	purgante p/ gestantes para fortalecer	látex ou casca látex casca	No caso da casca, chá.		
			Tomar cru com mel de abelha.		
			Garrafada com vários outros ingredientes. Ver amapá.		
Andiroba	gripe	óleo da semente	Tomar com mel de abelha uma vez por dia 3 ou 4 dias.		O óleo, assim como fumaça da semente, são bons para espan-tar carapa-ná.
	dor de garganta	óleo da semente	Pincelamento. Bater folha de puruá, fritar no óleo de andiroba e pincelar a garganta. Ou com mel de abelha, li-mão, alho e Vick-Vaporub, da mesma forma. Ou colocar um pouco de óleo de andiroba com folha socada e es-premida de tançagem em um paninho e espremer na garganta.		

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Andiroba	reumatismo	óleo da semente	Fricção. Fritar raiz ralada de gengibre no óleo de andiroba e passar nas pernas. Ou socar folha de beldroega, fritar no óleo e passar nas pernas. Ou ainda passar o óleo com cabacinha. Ou simplesmente passar o óleo puro. Fricção. Andiroba com cera de landá		
	cábricas, "frialidade nas pernas" (4)	óleo da semente			
	"desmentidura" (5), baque e "rasgadura" (6)	óleo da semente	Deixar um pedaço de cabacinha em óleo de andiroba até "apurar" bastante, Passar. Ou passar óleo puro. Fricção. Socar cipó-pucá e acrescentar andiroba.		
	"doença que entorta" (2) friteira e mijação (7)	óleo da casca	Banho. Ferver com casca de castanha e banhar a parte afetada. Primeiro passar água e depois o óleo.		
	picada de insetos	óleo da semente	Socar folhas de fedegoso 1, fritar em óleo de andiroba e passar. Lavagem.		
	bico do seio rachado	óleo da semente			
	problemas uterinos	casca			
Aninga 1	picada de araraia	planta toda	Bater a planta, tirar a "gosma" e colocar sobre a picada para a dor passar.	Coça muito. A cocoeira faz a dor passar.	Fruta para pescar
Aninga 2	uso mágico	folha	Banho em linha de pescar.		
Aninga 3	"esipela" (8)	folha	Murchar no fogo e colocar sobre o local afetado.		

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Apif	gripe, tosse e catarro no peito	folha ou rizoma	Xarope. Com caule de jaramacaru, caído de laranja-da-terra e mel de abelha. Ferver e tomar uma colher 3 vezes ao dia. Ou ferver com folha de manga, pampulha, ipecaconha, rizoma de guaribinha. Ou ainda, ferver com chicória, jaramacaru, casca ou lava seca de jucá, casca de jatobá, caju, seringueira, manga. Coar e em seguida ferver com açúcar e mel.		
Apuzeiro, apuf	"desmentidura" (5) e "rasgadura" (6)	látex	Chá. Tomar com comprimido. Emplastro. Pode usar também pedra de breu vermelho.		
Arataciú	para acalmar criança dor de cabeça banho cheiroso no mês de junho	raiz	Banho. Com casca de cedro, casca de cipó-luira e folha de cipó-alho. Banho com cânfora (pedra). Raspar a raiz, colocar no sol, acrescentar casca de cipó-luira. Ou acrescentar vindicá, cipó-curimbó, cipó-luira, oriza, pataqueira, beliscão, jana, catinga de mulata, patchuli, trevo cumaru.		Para perfumar roupas.
Ariá-de-cheiro	febre	rizoma	Chá. Bater a "batata" e ferver. Tomar com comprimido.		
Arruda	uso mágico vermes	rizoma ramos com folhas	Curar cachorro para caçada. Chá. Com mastruz e dente de alho. Crianças tomam uma colherada 2 a 3 vezes ao dia e adultos 2 dedos no copo 2 a 3 vezes por dia. Também pegar as folhas e estregar nas mãos e testa da criança		

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Arruda	dor de cabeça	ramos com folhas	Deixar em maceração na cachaça e colocar sobre a cabeça.		
	dor no coração	ramos com folhas	Chá. Com catinga-de-mulata.		
	febre	sumo das folhas	Fricção. Com o sumo das folhas.		
	dor de estômago	ramos com folhas	Chá. Com folhas de catinga-de-mulata. Tomar 2 dedos em um copo.		
	derrame	ramos com folhas	Chá. Com semente de gergelim-preto e cipó-pucá.		
Aturiá	"doença do vento", "doença que entorta crianças" (2) feridas diarréia	ramos com folhas	Chá. Com cipó-pucá e péla de jala-pá. Ou uma colher de arruda bem socada com leite de peito durante um mês.		
		broto	Para lavar. Chá. Lavar o broto, bater, ferver, com casca de caju, casca de taperebá e raiz de camembeca.		
Bananeira	cáibras	folha	Banho. Cozinhar a folha de bananeira e cana seca. Na temperatura que suportar, fazer escalda-pé e banhar a perna.		
Bataião	curar amebas e "refrescar o sangue" (1)	tubérculo	Ralar a batata. Separar a tapioca do tucupi e tomar.		

(continua)

APÊNDICE 2 (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observação	Outros Usos
Batátão	cólica de he-morróidas	tubérculo	Ralar, espremer em uma peneira e deixar secar. Ferver o tucupi com o caldo da laranja-da-terra e tomar; também usar para banho. Ou pegar meia colher da tapioca, diluir na água e tomar com o caldo da laranja-da-terra. A tapioca não é tão ruim quanto o tucupi. Depois, tomar caldo de carne ou galinha para fortalecer.	Dá diarréia muito forte.	
Baunilha	asma, dor de garganta	fruta			Aromatizante
Beldroega	reumatismo	folha	Fricção. Socar a folha, fritar no óleo de andiroba e passar nas pernas, ver arataciú.		Alimentar (folhas)
Beliscão	banho cheio no mês de junho	folha			
Biribá	garrotinho na garganta (9)	casca	Pincelamento. Tirar a "gosma" da casca, socar folha de urubucá para tirar o sumo, acrescentar mel de abelha e passar na garganta. Chá. Com folha de pimenta malaguetta e sumo da casca de biribá. Tomar após o parto. O sumo da casca também é usado para auxiliar o parto. Banho para dar em linha de pesca quando está panema. Emplastro. Ralar a batata e colocar a massa sobre a ferida. Chá com catinga-de-mulata. Defumação quando está trovejando.		Alimentar (frutos)
Boiúna	uso mágico	casca			
Brasileira	ferrada de tu-candeira, arraia asma	folha			
Breu-branco	uso mágico	tubérculo			
Buiuçu	febre	folha resina caule			Alimentar (sementes)

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Buiucu	esquentamento (10)		ver taperebá.		
Cabacinha	fígado	fruto	Chá. Tirar um pedacinho da buchinha, lavar e ferver.	A dosagem deve ser cuidadosa, porque é muito tóxico.	
	alergia ou eczema	fruto	Chá. Como acima. Tomar diariamente por 1, 2 ou 3 vezes, durante 6 meses.		
	reumatismo, "desmentidura" (5), baque e "carne rasgada" (6)	fruto	Fricção. Deixar um pedacinho em óleo de andiroba até "apurar" bastante; passar na parte afetada.		
	paralisia causada por derame	fruto	Fricção. Colocar no álcool banha de carneiro, cabacinha cortada em fatias e uma mão cheia de gengibre ralado. Deixar 2 noites no sereno, 2 dias no sol e depois friccionar os membros paralisados.		
Cabi-preto, branco	cabi- uso mágico	folha	Banho. Com folhas de canforinha, japana roxa e japana branca. Tomar banho 2 ^a e 6 ^a feira, depois mais uma 6 ^a feira, para dar sorte. Chá contra feitiço.	O cabi-preto é melhor remédio que o branco.	
	menstruação muito forte para fortalecer	folha	Chá. Secar a folha e ferver com folha de pariri. Tomar.	Dá um chá vermelho.	Bebida (sementes)
Café	sarampo	fruto	Garraída com vários outros ingredientes. Ver amapá.	Usa-se o café comum ou o moka	
	dor de cabeça, gripe	fruto	Chá para desincubar.		(continua)
			Usar a infusão do café moído e torrado. Ver feijão guandu e pião branco.		

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observação	Outros Usos
Caju	diarréia	casca	Chá. Com casca de taperebá, raiz de camembeca e broto de aturiá.		Alimentar (frutos)
	catarro vomitório	casca do sumo da casca	Xarope. Ver apif. Com casca de pracaxi. Colocar num copo com água durante uma noite. No dia seguinte, fica uma tapioca no fundo. Jogar fora a tapioca e tomar o suco.	A variedade usada é a do caju branco.	
Cama-de-menino-deus Camapu	banho				Alimentar (frutos)
	fígado, inflamação tosse, frio e dor no corpo	raiz	Chá.		
Camembeca	hemorróidas	raiz	Chá. Ferver junto com outras "raízes de espinho" (juuna, jurubeba). Tomar 2 a 3 vezes ao dia.		O chá também é usado para lavagem intestinal.
	"marrudá" (11)	raiz	Chá. Ferver com bulbo de marupazinho vermelho. As vezes usa-se também a folha da camembeca.		
	diarréia	raiz	Chá. Ferver com raiz do marupazinho do mato.		
Cana	dor de cabeça	planta inteira	Chá. Ferver com casca de caju, de taperebá e broto de aturiá. Banho na cabeça. Ferver raiz ou inteira de camembeca, planta inteira de malva branca e folha de pião branco.		(continua)
	cálbras	caule	Banho. Cozinhar a cana seca com folha de bananeira. Na temperatura que aguentar, fazer escalda-pés e banhar as pernas.		

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Canarana	"dor de urina" (12), esquentamento (10) febre	folha ou rizoma	Chá para tomar.		Para tirar mancha de roupa. Aromatizante.
Canela		folha	Chá.		Como bebida (chá).
Cânfora, cantorinha	para fortalecer gripe	folha	Garrafada para mulher, junto com outros ingredientes. Ver amapá. Banho.	Forte odor de cânfora.	
	dores em geral - dor de estômago, dor de cabeça. uso mágico	folha	Chá.		
Capim-estrela	corrimento	raiz	Banho. Com folhas de japana branca, japana roxa e cabi-preto. Tomar 2ª e 6ª feira, depois mais uma 6ª feira, para dar sorte. Chá. Pode ferver também junto com raiz de jasmim-de-cachorro. Tomar por cerca de 15 dias. Fazer também banho de asseio.		
Capim-marinho, capim-santo	gripe	folha	Banho. Ferver com alfavaca e corrente branca. Colocar no sereno e no dia seguinte de manhã, banhar a cabeça.		Como bebida (chá).
Caramelo	dor de cabeça disenteria dor de barriga de criança	folha galho com folhas	Banho na cabeça. Com folha de feijão-guandu e alfavaca. Chá para lavagem. Chá.		
Carapanã	impaludismo "urina doce" (13)	casca casca	Chá para tomar. Chá da casca seca.		(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Carrapatinho	"Voamento" (14) uso mágico	folha folha	Chá. Banho na cabeça para dar felicidade. Banho na roupa do(a) parceiro(a) para ele ser "bom" com o outro.		
Carucaá	tosse, bronquite, asma, resfriado	folha	Xarope. Com sumo da folha socada e mel de abelha. Ou ferver as folhas secas, derramar "leite" de amapá e mel de abelha. Ferver novamente e tomar. Ou ainda, tirar o sumo das folhas frescas, fazer o chá, bater uma gemada, misturar e tomar.		
Castanha-dó-pará	icterícia (20)	fruto	. Tira o "umbigo" da castanha, colocar num copo com água por 20 minutos e tomar. Colocar na água e tomar.	Fica de uma cor escura.	
	anemia	casca do fruto			
	golpe	casca da árvore	Ferver a casca fresca e lavar o local afetado.		
	írieira e mijação (7)	casca da árvore	Ferver com a casca da andiroba e banhar o local afetado. Ver também alfavaca brava.		
Catinga-de-mulata	dor no coração, dor de estômago dor de ouvido	folha folha	Chá. Ferver com arruda. Para dor de estômago, tomar 2 dedos em um copo.		
	asma, falta de ar	folha	Passar a folha no fogo para murchar. Colocar em um paninho ("boneca") com leite de peito e espremer dentro do ouvido.		
	banho cheiroso no mês de junho	folha	Chá. Ver também brasileira.		
			Ver arataciú.		

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação	Observações	Outros Usos
Catitinga	feridas causadas por insetos e ácaros, assadura, queimadura	folha	Colocar em água, amassar até sair uma espuma. Passar nos locais afetados.		
Caxinguba	verme	casca látex	Chá. Ferver a casca seca e tomar. Colocar em uma garrafa de 300 ou 500 ml com cachaca. Enterrar por 7 a 12 dias "para sair a comichão". Tomar no café da manhã até terminar a garrafa.		
Cebola-berrante	asma	bulbo	Cortar o bulbo, ferver com mel de abelha e deixar esfriar e ministrar às colheradas.		
Cebolinha-berrante, cebola-berrante	gripe com catarro	bulbo	Chá. Ferver e tomar. Age como vomitório.	Para vomitar o catarro.	
Cedro	asma	bulbo	Chá. Ferver e tomar. Age como vomitório.		
	gripe, dor de cabeça e febre	folha e casca	Tomar o sumo com cachaca.		Faz a pessoa suar. Madeira para móveis, casca para defumação.
	uso mágico	folha	Banho com folha de cipó-alho. Coloca no sol e dá banho antes de a criança sair, para o "bicho não fazer mal". Também banho com cipó-catinga.		
	para acalmar criança	casca	Banho. Ver arataciú e trevo-cumaru.		
	para útero	casca	Chá.		
Chega-te-a-mim	uso mágico	folha	Banho. Deixar de molho na água. Contra feitiço.		

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Chicória	catarro	folha	Xarope com 'caule de jaramacaru. Ver também apil.	Tempero de comida.	
	dor de cabeça	folha	Fricção. Murchar a folha, acrescentar sebo de holanda e passar no local.		
Churu	asseio pós-parto	casca	Banho.		
Cidreirana	resfriado, dor de cabeça	folha	Chá. Deixar esfriar e colocar na cabaça.	Usar folhas frescas.	Ornamental.
Cipó-alho	febre	folha e caule	Fricção.		
	uso mágico para acalmar criança	folha	Banho. Ver cedro.		
	uso mágico	folha	Banho. Ver arataciú e trevo cumaru.		Para colocar no tucupi.
Cipó-catinga	reumatismo	casca	Banho com cedro contra "olhado de bicho".		
Cipó-cumacal	ferida	raiz	Fricção. Raspar, colocar no álcool e passar à noite.		
	uso mágico	raiz	Emplastro. Ralar, fazer uma massa (tapioca).	Pode guardar, dura muito.	
Cipó-curimbó	febre	raiz e folha	Colocar água na tapioca e beber, para "doença de feitiço por dentro".		
	banho cheiroso no mês de junho	folha?	Fricção. Com raspa da raiz e folha queimada.		
			Ver arataciú.		
Cipó-ipuranga, cipó-piranga		casca	Garrafada.		Fazer aros do matapi.
Cipó-luira, cipó-luira	banho cheiroso no mês de junho para acalmar criança	casca	Ver arataciú.		Seca-se a casca ao sol.
		casca	Banho. Ver arataciú.		(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Cipó-pucá	"doença que entorta" (2) "doença que deixa o queixo duro" (2) "doença do vento" (2) derrame	folha folha folha	Fricção. Socar com andiroba. Ou socar com vinagre. Fricção. Com folha de cravo amarelo, alho e um pouco de copaliba. Chá. Com arruda e péla de jalapa.		Como bebida (chá), com cravo.
Coco Coitadinha	verme "dor de urina" (12) tosse	folha leite planta inteira planta inteira	Chá. Com semente de gergelim preto e arruda. Vermastruz. Chá. Xarope.		Colocar na massa de andiroba para ajudar a escorrer o óleo.
Comigo-ninguém-pode	pressão alta frieira uso mágico	planta inteira folha planta inteira	Chá. Murchar no fogo, esfregar na mão e passar no local. Plantada na frente da casa para defendê-la de "mau olhado" e "olho gordo". Banho com o mesmo fim. Para casas e pessoas. Ver também disciplina. Banho, para tirar "malvadeza".		Tempero de peixe.
Cominho-de-planta	uso mágico	folha	Fricção. Ver cipó-pucá.		
Copaliba	"doença que deixa o queixo duro" (2) picada de araiá, cortes	resina resina	Pingar no ferimento.	A araiá morre onde estiver.	(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Coramina	coração, "cansaço" (22) desmaio, dor de estômago	folha	Chá. Ferver e tomar.		
Coré	remédio para criança	casca	Banho. Colocar na água e deixar no sol. Dar banho na criança quando esta estiver querendo chorar. Chá.	Casca com odor semelhante a Vick-vaporub.	
Corrente branca 1	"marrudá" (11)	folha	Banho. Ver alfavaca.		
Corrente branca 2	gripe "marrudá" (11)	planta inteira	Chá. Adulto toma um litro para lavar o intestino.		
Corrente-roxa 1	"marrudá" (11)	folha	Chá. Adulto toma um litro para lavar o intestino.		
Corrente-roxa 2	hemorróidas	planta inteira	Chá. Tomar.		
Cravinho do mato	remédio	folha ?	Chá.		
Cravo, cravo de tufo	"doença do vento", "doença de prender"	folha	Fricção. Socar, misturar com cachaça ou água, amornar e passar. Ver também cipó-pucá.	Alguns preferem a variedade com flor amarela.	
	"doença que deixa o queixo duro" (2) febre	folha e flor	Chá. Tomar.		
		folha	Chá. Com dente de alho e comprimido. Faz suar.		Como bebida (chá), com cipó-pucá; ornamental.
Croatá, crouatá	"sangue fraco" (1), corpo com manchas	folha	Ferver bem com um pouco de sal e tomar. Tomar também Biotônico.	É muito urticante.	

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Croatiá, crauatá	uso mágico	folha	Bater e colocar a espingarda ou linha de pescar dentro para sair a "panemagem". Também para lavar o chorro.		
Cumaru	dor de garganta	óleo da semente	Pincelamento. Secar a semente, ralar para tirar o óleo e usar.		Aromatizante.
Cupuauçu	diarréia	casca	Chá.		Alimentar (frutos)
Dinheiro-em-penca Disciplina	remédio gripe uso mágico	folha folha folha	Chá ou banho. Banho. Com folha fresca ou seca. Banho de "descarga"; também banho com comigo-ninguém-pode, ganha-aqui-ganha-acolá (as duas espécies) para "mau-olhado".		Ornamental.
Embaúba-branca 1	inchaço	folha	Banho. Ferver a folha seca e tomar o banho morno.		
Embaúba-branca 2	"rasgadura" (6), "peito aberto" (15)	broto	Emplastro com goma de tapioca. Trocá-lo quando cair.		
Erve-de-chumbo	hemorragia	caule		Nativa dos campos de Marajó.	
Erva-cidreira, cizdreira	para acalmar criança e dar sono	folha	Chá. Tomar.		
Erva-de-melão	eczema	folha	Bater, tirar o sumo e passar sobre a parte afetada.		
Erva-doce	para fortalecer	semente	Garrafada com vários outros ingredientes. Ver amapá.		Como bebida (chá)
Escada-de-jabutí	dor de barriga disenteria asma	semente caule	Chá. Tomar.		Para envira.
Esteio	uso mágico	folha ?	Chá. Jogar na casa para o homem ser direito.	Ornamental.	(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Eucalipto	lavagem dor de garganta febre	folha e casca folha e casca folha	Ferver, deixar esfriar e aplicar. Banho na cabeça. Ferver com alfavaca. Banho. Também chá.		
Eucalipto-preto	inflamação do intestino em crianças febre	casca folha	Lavagem.		
Fava, fava de impingem	impingem, pano branco	folha semente	Poncho. Faz suar. Descascar. Raspar a polpa e pulverizar no local. Ou raspar, espremer e passar o "leite" no local. Ou macerar em álcool. Em um mês cura. Ver andiroba.	Só utilizar a fava fresca. A seca não faz efeito	
Fedegoso 1	bico do seio rachado	folha			
Fedegoso 2	"espinha fora do lugar" (16)	folha	Misturar o sumo com pau-de-moqueim, mastruz e encofre. Acrescentar ovo e mel de abelha e tomar durante um mês. Socar com folha de mucuracá para tirar o sumo. Chá da folha fresca ou seca para tomar.		
Feijão-guandú, cuiá-feijão-guandú	gripe e dor de cabeça	folha	Banho na cabeça. Ver alfavaca. Também ferver a folha, deixar esfriar, colocar pirarucu e café.		
Ganha-aqui-ganha-acolá 1	"esipia" (3) uso mágico	folha folha	Emplastro. Murchar no fogo, passar em banha de galinha e colocar ao redor da ferida, para tirar a vermelhidão. Ou escaldá-la e colocá-la sobre o local. Banho. Ver disciplina.		

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Ganha-aqui-ganha-acolá ² Gapul	uso mágico dor d'olhos	ramo com folhas batata	Banho para ganhar dinheiro. Também contra "mau olho". Ver disciplina. Ralar, tirar o sumo, bater com ovo e colocar nos olhos. Chá.		
General	"dor de urina" (12)	folha			
Gengibre	reumatismo, "frialdade nas pernas" (4)	rizoma	Fricção. Ralar, fritar no óleo de andiroba e passar nas pernas. Ou misturar com raiz de jambu-açu, casca de mururé, casca de marapuama e passar. Ou tomar com pinga e mel de abelha, uma vez por dia. Fricção. Ver cabacinha.		Como bebida (chá).
Gergelim	paralisia causada por derrame resfriado e febre "doença do vento", "ramo de ar", (2) derrame	rizoma rizoma semente	Fricção. Ralar e esfregar no corpo com álcool. Socar a semente crua e tomar o "leite".	Faz suar e baixa a febre.	
Goitaba	diarréia	semente	Chá com cipó-pucá e arruda. Tomar.	Usar o gergelim preto	
Guaribinha	tosse de guaribinha (17) gripe	folha, broto e casca rizoma	Chá. Ferver puro ou acrescentar folha seca de salva de marajó e tomar. Xarope. Ver apíí. Tomar durante um mês.		
Hortelã-do-maranhão	dor de barriga	folha	Chá. Ferver e tomar com Melhoral.		
Hortelã-pimenta	diarréia	folha	Chá. Tomar.		
Hortelã-de-panela		folha	Chá. Lavar 3 galhinhos, juntar alfazema, bater. Ferver e ministrar à criança.		

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Hortelã-de-panela	quando nasce dente em criança	folha	Chá. Tomar.		
Incenso de planta	dor	folha e flor	Chá.		
Ipecacanha	gripe	folha	Chá e banho. Tomar com comprimido.		
Jacarezinho	tosse de guariba (17) "aborrecimento de criança" (23)	folha	Xarope. Ver apif.		
Jambu-açu	reumatismo e "irritidade nas pernas" (4)	folha	Banho.		
Jamburana	uso mágico	raiz	Fricção. Ver gengibre.		Propriedades anestésicas da raiz semelhantes às da folha de jambu.
Japana branca, japana roxa	fígado gripe uso mágico "aborrecimento de criança" (23) banho cheiroso no mês de junho	folha folha folha folha folha	Colocar no nariz do cachorro. Ele fica furioso, espirra e baba, e a panema sai. Chá. Banho na cabeça com a folha fresca. Tomar também o sumo da folha. Banho. Ver cânfora. Banho. Ver trevo-cumaru. Ver arataciú.	Usar variedade roxa.	Alimentar (folha)

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação	Observações	Outros Usos
Jaramacaru	gripe, tosse e catarro no peito	caule	Xarope. Tirar pedaços do caule, ferver, esperar esfriar, espremer e acrescentar mel de abelha e açúcar. Tomar 3 vezes ao dia até sarar. Ver também apif e chicória. Ou ferver com folha de oriza e jiboinha, para fazer xarope e banhar a cabeça.		
Jasmim-de-cachorro, jasmim-do-mato	inflamação corrimento	caule raiz	Chá. Ferver com raiz de capim estrela e tomar; fazer também banho de asseio.		
Jataúba	afecções dos olhos vomitório	látex folha	Pingar nos olhos. Usar o sumo.		Madeira para construção.
Jatobá	gripe, dor no peito	casca	Licor. Ferver e tomar com gemada. Também xarope. Ver apif.		
Jenipapo do mato	uso mágico	raiz	Raspar e tomar com 2 colheres de água e 5 gotas de leite de mururé. Ou fazer banho.	Para caçador usar.	
Jeniparana	uso mágico	folha	Derramar o sumo na boca do cachorro, contra "malícia".		
Jiboinha	gripe e tosse	folha	Chá ou xarope com folha de oriza. Ver também jaramacaru.		
Jipoca Juá	caspa inflamação e dor na barriga esquentamento (10)	raiz raiz e folha raiz	Banho com água de colônia. Aspergir sobre mercadorias para vender. Banho. Ralar e lavar a cabeça. Chá. Ver taperebá.		
Jucá	catarro no peito, tosse	casca ou fruto	Xarope. Ver apif. Também chá.		(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Juqueri manso	"amansar criança"	ramo com folhas	Banho.		
Jurubeba	tosse, frio e dor no corpo	raiz	Chá. Ver camapu.		
	inflamação no intestino	qualquer parte	Chá. Tomar.		
	esquentamento (10)	raiz	Chá. Ver taperebá.		
Juuna	tosse, frio e dor no corpo	raiz	Chá. Ver camapu.		
	esquentamento (10)	raiz	Chá. Ver taperebá.		
Lacre	fígado	raiz	Chá.		
	impingem e pânico	látex	Colocar sobre a parte afetada.		
Laranja-da-terra	no branco	caldo da fruta	Xarope. Ver apif e alfavaca.		
	catarro no peito	fruta			
		folha	Chá com folha de limão. Banhar a cabeça; caso tenha febre, tomar o chá com um comprimido em dias alternados, até sarar. Ver também alfavaca.		
	baque	casca da fruta	Emplastro. Ralar, tirar a resina e colocar sobre o baque. Ou acrescentar à raspa gema de ovo e "peche" de breu, batendo junto e passar nos locais afetados. Neste caso, usar a fruta verde.		
	albumina (18)	fruta	Descascar, colocar no sereno à noite e chupar pela manhã.		
	papeira (19)	caldo da fruta	Emplastro. Cortar a fruta, amornar e juntar ao caldo manteiga e sal amargo. Colocar no sereno à noite e no dia seguinte aplicar sobre a peira, para desinchar.		

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Limão galego Limãozinho	dor de cabeça garganta inflamação diarréia febre, com delírios, gripe	folha fruto folha	Banho na cabeça. Ver alfavacão. Ver andirobã. Tomar o sumo. Chá, Ferver e tomar com comprimido. Ver também laranja-da-terra.		Tempero e lavagem de peixe (fruta)
Língua-de-vaca Lombrigueira	dor de cabeça gripe, tosse verme	folha folha folha	Chá. Tomar com comprimido. Ou banho na cabeça. Ver alfavacão. Chá e xarope. Chá. Tomar apenas uma vez, à noite.	Às vezes, causa tontura.	
Maçaranduba	pulmão, dor no peito	látex, folha	Tomar com café. Ou fazer chá e tomar com ovo de pata. Ou tomar com acapu.		Madeira para tábuas. Alimentar (frutos). Cola (látex)
Macucu	problemas de útero, corrimento, "rasgadura" (6)	casca	Chá. Tomar. Também banho de asseio.		
Malva branca	dor de cabeça	planta inteira	Banho na cabeça. Ver camembeca.		
Mamão Mamona	verruga inflamação	látex fruto	Colocar sobre a verruga até ela cair. Amassar o fruto até formar uma massa e passar no local afetado. "Curar" cachorro para caçar caaititu.		É um tajá que cheira como um porco.
Manacá de caaititu	uso mágico				
Manga	tosse de guariba (17), catarro no peito	folha	Xarope. Ver apií.		(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Mangue	disenteria	pneuma-tóforo	Chá. Para tomar.		
Manjerição, manjeri- cão-esturaque	fosse, dor no peito e costas	folha e caule	Chá da folha com gemada. Ou bater a gemada com a folha e o caule.	Também usada para banho cheiroso.	
Maracujá-morcegui- nho	gripe	folha	Banho na cabeça. Ferver a folha fresca.		
Marapuama	vermes uso mágico	folha folha	Chá. Banho para arrumar namorado.		
Marapuama	reumatismo e "frialdade nas pernas" (4)	casca	Fricção. Ver gengibre. Ou tomar com cachaça, podendo misturar a mururé.	Tanto a planta feminina como a masculina são usadas.	
Marapuama-de-cu- tia, marapuama-cha- péu-de-cutia	reumatismo	raiz casca	Fricção. Fricção. Colocar na cachaça, depois usar externamente.		
Marcela, marcelão	uso mágico dor de cabeça, gripe	raiz folha	Raspar raiz nova para curar cachorro. Banho na cabeça.		Como bebi- da (chá)
Marupazinho, maru- pazinho-vermelho	banho cheiroso hemorróidas	folha bulbo	Chá. Ralar, ferver e tomar. Ver tam- bém camembeca.		
Marupazinho-do- mato	diarréia hemorróidas	bulbo raiz	Chá. Bater a raiz e ferver. Tomar co- mo água. Chá. Ver camembeca.		

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Mastruz	vermes	ramo com folhas	Socar e tomar o sumo com leite ou leite condensado. Ou fazer o chá. Ou ainda misturar com arruda e dente de alho. Também misturar o sumo com leite de coco; tomar às 5 horas da manhã, ficando 5 dias de resguardo, sem comer peixe nem tomar sol ou chuva. Ou socar a folha fresca e beber o sumo puro.		
	fratura	ramo com folhas	Socar a folha e beber o sumo. Ou misturar o sumo a enxofre e tomar. Também emplastro. Ver abutã.		
	baque	ramo com folhas	Beber o sumo com leite condensado.		
	"rasgadura" (6), fratura	ramo com folhas	Tomar o sumo com enxofre.		
	"espinha fora do lugar" (16)	ramo com folhas	Ver fedegoso 2.		
Mato-pasto-do-grande	uso mágico	folha	Banho em criança. Para evitar que a criança que tomou banho em praia desconhecida passe mal à noite (por causa da "uiara" ou mãe da praia), igual ao anterior. Mas é necessário usar mais folhas, por ser mais fraco.		
Mata-pasto-do-miúdo	uso mágico	folha	Chá. Tomar para descer menstruação.		
Mendoca	menstruação	planta inteira	Chá. Tomar		
Micanga-de-nossa-senhora	dor de urina	folha e invólucro da flor feminina ("contas")			

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Milho	catapora, sarampo, alastrim	semente, brácteas da inflorescência	Ver sabugueiro.		
Mucajá	icterícia (20)	raiz ad-ventícia	Chá.		
Mucura-caá	esquentamento (10) dor de cabeça febre, tosse vermes dor de dente uso mágico	raiz ad-ventícia raiz folha folha ou caule folha e raiz folha	Chá. Ver taperabá. Emplastro. Colocar raspas de raiz na fonte (têmporas). Ou cheirar para passar a dor. Socar para tirar o sumo e misturar com fedegoso 2. Chá. Socar a folha ou raspar fatias pequenas do caule e com algodão colocar sobre o dente que dói. Contra "olhado de bicho".	O nome vem do cheiro	
Mundubirana	queda de cabelos	folha	Banho. Ver pé-de-galinha.		
Murta-cabeluda	assadura de bebê "curar" mulher de parto para cicatrizar umbigo de recém-nascido diarréia	folha folha folha folha broto	Banho de assento, Ferver a folha. Secar, torrar e polvilhar. Assar a folha sob a cinza, fazer uma boneca de pano e espremer. Banho de assento, Ferver a folha.		Mais usado para crianças.

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação	Observações	Outros Usos
Murta pedra-ume	"doença mulher" (10) asseio pós-parto	folha	Fazer chá e colocar no irrigador para banho de asseio. Banho de assento.		
Murtinha		folha			
Muruci-sacaca	inflamação, febrida, "doença de mulher" (10)	casca e folha	Banho. Colocar na água, bater e bagnar as partes afetadas. Também beber, contra inflamação.	Fica como um vinho vermelho.	
Mururé 1	reumatismo, "friadade nas pernas" (4)	casca	Fricção. Ver gengibre. Ou deixar em maceração na cachaça, por 1 ou 2 dias, no sol; fica de uma cor roxa. Tomar no café da manhã e de tarde, antes do banho.		
	uso mágico	látex casca	Tomar com cachaça. Para lavar linha de pesca e espingarda, para tirar panema.		
		látex	Para caçador beber ou banhar-se; ver jenipapo-do-mato.		
Mururé 2	uso mágico	folha	Para tirar panema de cachorro. Emplastro. Bater e colocar sobre ferimentos, cuja origem é desconhecida, ou que se suspeita serem encantamentos.		
Muruteteca	titingã, branco	pano cipó	Esfregar o local afetado com o galho, em seguida esfregar com o fruto da pimenta-de-lagarto.		
Óleo-elétrico	"doença prende" (2) "doença entorta as crianças" (2)	folha folha	Chá. Chá. Ferver e tomar com comprimido Jalapa.		

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Oriza	tosse, gripe	folha	Chá ou xarope. Ver jiboinha. Também banho na cabeça. Ver jaramacaru. Ver também alfavaca.		
	dor de cabeça	folha	Banho na cabeça. Colocar dentro da água e esquentar no sol.		
	sarampo, catapora, alastrim	folha	Banho. Ver alfavacão.		
	banho cheiroso no mês de junho	folha	Ver arataciú.		
	uso mágico "canseira" (22)	folha	Banho contra malefícios.		
Pamarijoba 1, pramarioba	febre, impaludismo, icterícia (20)	folha	Chá.	Usar a folha seca.	Defumação.
	gripe	folha, fruto ou raiz	Chá.		
Pamarijoba 2	dor de cabeça	folha	Banho na cabeça.		
	gripe	folha	Banho. Estregar na água e colocar ao sol.		
Pampulha	tosse de guariba (17)	folha	Xarope. Ver apif.		
Panama	afecções dos olhos	pecfolo	Tirar o talo e pingar o líquido nos olhos.		Tirar nódoas de roupas.
Para-tudo	hemorragia	folha	Chá.		
	disenteria	casca	Chá.	Ferver a casca seca.	
Pariiri	menstruação que não quer descer	folha	Chá.		

(continua)



APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Pariiri	menstruação muito forte cólicas mens- truais	folha	Chá. Ferver com folha de cabi-preto. Tomar.	Dá um chá ver- melho.	
	corrimento, "curar barriga por dentro", intestino	folha	Chá. Tomar quando começa a mens- truação e parar após dois dias. Quando terminar de menstruar, tomar até a próxima menstruação.	Usar a folha se- ca.	
	hepatite, icterí- cia (20)	folha	Chá. Ferver e beber; também lava- gem intestinal.		
Pataqueira	banho cheiroso no mês de ju- nho	folha	Chá.		
Patchuli	febre	raiz	Ver arataciú.		Para perfu- mar roupas.
	banho cheiroso no mês de ju- nho	raiz	Chá. Ferver e tomar com qualquer comprimido.	Faz suar.	Para perfu- mar roupas.
Pau d'angola	febre	caule	Chá. Secar, ralar e ferver. Tomar.		
	uso mágico	folha	Banho na cabeça. Ver alfavacão.		
	baque, dor no peito	folha	Banho contra feitiço. Ferver ou esmi- galhar a folha.		
Pau-de-moqué	uso mágico	folha	Chá. Ferver, bater com ovo e tomar. Ou tirar o sumo e tomar com enxofre e ovo.		
Paxiúba	"espinha fora do lugar"(16)	raiz	Ver fedegoso 2.		
Pé-de-galinha	queda de ca- belos	folha	Banho em linha de pescar e espin- garda. Banho na cabeça, com mundubirana.	Queda de ca- belo pós-parto.	(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação	Observações	Outros Usos
Perpétua-do-mato	dor de ouvido	flor	Colocar a flor debaixo do "riscado" (cinza do fogão), amarrada dentro de uma folha; deixar um pouquinho para amolecer. Tirar, lavar "para esfriar"; esfregar em um paninho, fazer uma boneca e pingar no ouvido. Tomar com cachaaça. Ou torrar e fazer plulias.	Não pode tomar sol.	Alimentar (frutos)
Pião-branco	dor de cabeça	semente	Banho na cabeça. Ver camembeca e alfavacão.		Frutos também usados para engordar ou abrir o apetite de cachorro.
	febre	folha	Chá.		Como purgante para boi.
		folha			
		semente	Banho na cabeça. Descascar, partir e tirar a "folhinha" que tem dentro; assar a polpa na cinza. Socar até ficar bem fina; colocar no café e banhar a cabeça.	Usar com cuidado. Por ser muito forte é preciso tirar a "folhinha" de dentro.	
		semente	Tirar as sementes, bater, torrar com cera de holandá e tomar para soltar o catarro. Ou torrar e fazer plulias para tosse.		
	tosse, catarro no peito	semente			
	estômago	raiz	Chá.		
	ferida, pereba para fortalecer para dar "força no sangue" (1)	látex	Colocar sobre o local.		
		folha	Garrafada. Ver amapá		
		folha	Chá. Ver vassourinha.		
	uso mágico		Banho para "limpeza de corpo" (macumba).	Também chamado pião-pajé.	

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Pião-branco	esquentamento (10)	raiz	Maceração com cachaça. Ver taperebá.		Folha usada em defumação
Pião roxo	febre	folha	Chá.		
	dor de cabeça	folha	Banho na cabeça com alfavacão.		
	ferida	látex	Colocar sobre o local.		
	uso mágico	folha	Usar uma folha na cabeça contra "mau-olhado", também lavar a casa. Também tomar banho para "limpeza de corpo" (macumba).	Também chamedo pião ca-bocio.	
Picoró, pocoró	uso mágico	raiz e látex	Para curar cachorro.		Látex usado como cola.
Pimenta-de-lagarto	pano branco	frutos	Ver muruteteca.		Alimentar (frutos)
Pimenta-malagueta	pós-parto	folha	Chá. Com alfavacão, alecrim e salva de marajó. (Comprados na farmácia). Ou chá com sumo da casca de biribá.		
Pindá	hemorróidas	caule	Banho de assento. Cortar pedaços do cipó, bater e ferver.		
Pingo-de-ouro	uso mágico	folha	Macumba.		
Piquitá	fríeira	casca	Banho para "limpeza do corpo", feli-cidade, tirar panema.	Usa-se folha fresca ou seca.	
Pirarucu	"esipla" (3)	folha	Ver alfavaca-brava.		
	dor de ouvido	folha	Emplastro. Murchar no fogo, amassar e colocar sobre o local. Pode também aplicar com álcool.		
	tosse	folha	Socar para tirar o sumo e tomar com mel de abelha.		
	fríeira	folha	Emplastro. Rescaldar no fogo e aplicar sobre o local.		
	dor de cabeça	folha	Murchar e colocar sobre a cabeça. Ver também leião-guandu.		(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Pluma	para menstruação descer e contra cólicas	folha	Chá. Ferver com folha de salva de marajó.	Usar folha seca.	
Pracaxi	vomitório "esipla" (3)	casca casca	Chá. Ver também caju. Colocar o sumo da casca fresca com cânfora (pedra) sobre o local afetado.		
Pracuaba	reumatismo corte	óleo da semente fruto	Fricção. Fazer uma tapioca e colocar sobre o local. Ralar, tirar a tapioca e tomar crua.		
Pripioca	"hemorróida de boião" (21) ferimento, ferida de arraia febre	semente casca raiz	Chá para lavar o local. Fricção. Ralar e misturar com vinagre.	É bom porque "trava". Adstringente.	Raiz usada para perfumar.
Puruá	dor de garganta uso mágico	folha planta inteira	Pincelamento. Ver andiroba. Para lavar linha de pescador. Uma planta é de um pescador. Jogar a primeira lavagem do peixe na planta, para não ficar panema. Chá. Tomar.		
Quebra-pedra, quebra-pedra-vermelho	"dor de urina", "dor de rim" (12)	folha, raiz	Chá. Tomar.		
Quebra-pedra-branco, quebra-pedra-roxo.	"dor de urina", "dor de rim" (12)	folha, raiz	Chá. Tomar.		
Quina	febre para fortalecer piolho	casca folha casca e folha	Chá. Tomar. Garratada. Ver amapá. Banho. Raspar a casca e acrescentar a folha.	Usa-se a folha seca.	(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Rinçhão, branco	rinçhão	folha	Ferver. Colocar no irrigador e aplicar para lavagem intestinal.		Folha usada também para banho.
Rosa-bacuri	dificuldade para defecar	folha	Emplastro. Bater e aplicar no local.		Ornamental.
Sabugueiro	para "puxar" estrepe catapora, sarampo, alastrim.	folha	Chá. Ferver com bagos de milho. Não tomar os caroços. Dar 3 vezes por dia (manhã, meio-dia e noite) até secarem as erupções (em 15 dias, mais ou menos). Ou dar durante 2 dias; depois que o sarampo "saiu" não dar mais. Neste caso, colocar 3 caroços de milho dentro do chá. Ou tomar o chá e colocar milho debulhado sob a rede, para "sair" o sarampo. Se tiver febre, tomar com Melhoral. Ou também fazer chá com palha de milho e tomar com Cibalena, durante 3 dias até "sair" (desincubar). Quando o sarampo "pega" na garganta, torrar fezes velhas de cachorro ("jasmim" de cachorro), juntar mel e pincelar a garganta. Tomar junto com chá de sabugueiro.		
Sabugueiro-do-ser-tão	febre sarampo	folha	Chá.		
Salva-dé-marajó	pós-parto	folha	Chá.		
			Chá. Ver pimenta-malagueta. Também garraifada após o parto (folha seca).		Aparece raramente em Itupanema. Geralmente com-prada em farmácia.

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Salva-de-Maraújo	intestino inflamado, diarréia para fortalecer problemas menstruais	folha	Lavagem.		
Santa-bárbara	dor de cabeça, gripe "esipla" (3)	folha	Chá. Ver também goiaba. Garrafada. Ver amapá. Ver pluma.		
Sapucaia	coceira	folha e casca	Banho na cabeça. Colocar pedra de cáñfora. Emplastiro. Murchar, adicionar banha de tartaruga ou vinagre e aplicar sobre o local. Banho. Esmigalhar na água e banhar o local.	Usa-se a folha seca.	Madeira para a ca-noa.
Seringueira	catarro no peito	casca	Xarope. Ver apil.		
Solidônia	icterícia (20)	raiz	Chá.		
Sororoca	uso mágico	folha	Defumação para cachorro ficar "especialista" em caçar gato maracajá.	A folha parece pelo de maracajá.	
Sucuriju	fígado	folha	Chá. Ver também amor-crescido e urtiga vermelha.		
Sucuuba	estômago e fígado	casca	Chá.		
	intestino	casca	Chá. Secar, ralar e ferver. Tomar todos os dias. Também engorda.		
	tuberculose, problemas pulmonares, úlceras, inflamações do aparelho genital feminino	casca e látex	Chá da casca seca. Ou o látex puro com catê.	A casca deve ser bem seca.	
	para fortalecer corrimento	casca	Garrafada. Ver amapá. Banho de asseio. Ferver, deixar esfriar e usar.		(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Tabaco	coceteira, mucoim, berne contra pulgas remédio uso mágico	folha	Banho. Esfregar as folhas na água. Ver também tajá-de-sol. Banho. Geralmente em cachorro.		
Tabacorana Tajá 1 Tajá 2		folha rizoma, planta inteira	"Curar" a planta com cachaça. Ela, então, se transforma em "tigre" e defende a casa.		
Tajá-de-sol	bicheira de animais, tumor	tubérculo	Raspar com a ponta da faca e colocar com tabaco dentro da "sezura". Ou ralar e fritar, aplicando sobre o local. Banho na cabeça. Colocar a folha no sol com água. Ou ferver.		Ornamental
Tamanqueira	gripe	folha			
Tançagem	dor de garganta, garganta inflamada	folha	Gargarejo. Ferver a folha. Ou enrolar a folha cozida na garganta. Também socar, espremer o sumo com azeite de andiroba ou sebo de holandã. Colocar em um paninho e espremer na garganta. Ou ainda, socar, tirar o sumo e misturar com mel de abelha. Chá. Ver camembeca.		Alimentar (frutos)
Taperebá	diarréia	casca			
	esquentamento (10)	casca	Primeiro, tomar o chá das "raízes de espinho": jurubeba, juá, juuna, mucajá, tucumã. Tomar feito água todos os dias. De vez em quando, beber o sumo do taperebá com buiuçu. Quando o paciente já não sentir dor para urinar, tirar 4 dedos da raiz do pião branco, assar sob a cinza, bater bem e colocar em meio litro de cachaça. Colocar uma noite no sereno e um dia no sol. Beber e tomar banho para "refrescar o sangue".		(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação Posologia	Observações	Outros Usos
Tauari		casca	Banho para criança.	Cigarro de papé.	
Trevo-coitadinho	uso mágico		Banho para "limpeza de corpo".		
Trevo-cumaru	dores dor de cabeça, preguiça	folha	Chá. Banho. Ou murchar a folha no fogo, passar pelo sebo de holandã e pregar na testa. Ver arataciú.		
	banho cheiroso no mês de junho	folha			
	"aborrecimento" de criança	folha	Banho com cedro, cipó-alho, japana. Esfregar bem na água, pôr no sol e dar o banho.		
Trevo-roxo	dor-de-ouvido	folha	Murchar no fogo, colocar com leite de peito ou água em um pano e pingar no ouvido. Ver taperebá.		
Tucumã	esquentamento (10)	raiz			
Ucuuba-branca	cólica intestinal, ifgado	casca	Chá. Ferver a casca seca e tomar a to'ca hora.	Usa-se também a ucuuba vermelha.	
Urtiga-braba-macho, Urtiga-vermelha.	higiene bucal "rasgadura" (6) "espila" (3) picada de surucucu albumina (13) uso mágico	seiva casca folha folha raiz folha	Lavar a boca, bochechar. Chá. Chá para banhar a cabeça. Socar, colocar sal e aplicar sobre o ferimento. Chá. Banho. Ferver e tomar contra "aborrecimento".		
Urtiga-branca	ifgado uso mágico	folha planta toda	Cortar a folha, ferver com folha de sucuriju e tomar. Plantar no quintal para defender a casa.	Quando ferve, sai a comichão. A planta toda é extremamente urticante.	(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação	Observações	Outros Usos
Urubuacá	dor de cabeça garraticho na garganta (9) "ramo de ar" (2)	folha folha folha	Chá. Pincelamento. Ver biribá. Chá.		
Urucu	inflamação nos olhos	"gosma" do pedicelo	Quebrar os pedicelos e deixar na água por alguns minutos. Quando começar a sair uma "gosma" das extremidades, pingar nos olhos. Banho e chá. Ferver e tomar.	Refresca e clareia.	Colorau (serrentes)
Vassourinha	"força de sangue", "sangue embolado", "corpo grosso" (1) brotoeja, coceira (por causa de sangue), para "refrescar o sangue" (1)	planta inteira folha	Chá. Tomar com ragnésia.		
	"espiã" (3) baque diabete	planta inteira planta inteira raiz	Chá. Ferver com folhas de abacate amarelo e pião branco. Tomar por 8 dias. Emplastro. Tirar o sumo, colocar em álcool e aplicar no local. Emplastro. Ver abuta. Chá. Tomar como água.		A raiz deve ser seca.
Verônica	uso mágico para fortalecer	galho casca	Para benzer crianças. Garratada. Ver amapá.		A casca deve ser bem seca, senão fará mal.
	icterícia (20) picada de ar-raia	casca casca	Chá. Ferver e colocar sobre o local.		"chama" a carne para sarar

(continua)

APÊNDICE 2. (continuação)

Nome vulgar	Uso local	Parte da planta utilizada	Modo de preparo e aplicação	Observações	Outros Usos
Vinagreira, greira roxa	vinagreira "esipla" (3)	folha	Ferver com sal e colocar na cabeça. Ferver com amor- crescido.		Algumas variedades são comestíveis (folhas)
Vindicá	"frialidade nas pernas" (4)	folha	Banho com água morna.		Folha usada em lavagem de roupa, para perfumar.
	banho cheiroso no mês de junho	folha	Ver arataciú.		

LISTA DAS DOENÇAS CITADAS

- (1) para dar “força no sangue”, “sangue embelado”, “sangue fraco”, “corpo grosso”, para “refrescar o sangue” - ver explicação no texto.
- (2) “doença que deixa o queixo duro”, “doença que entorta”, “doença do vento”, “doença que entorta criança”, “doença de prender”, “ramo de ar” - ver explicação no texto.
- (3) “esipla” - “dá uma quentura e dói muito, fica vermelho; pode pegar do sol. Coça a cabeça e incha o rosto. Em outros lugares do corpo, dá só se tiver ferida”. Pode ser causada por sífilis. Corruptela de erisipela; afecções de pele causadas por estreptococos (Balbach-s/d).
- (4) “frialdade nas pernas” - ocorre com câibra e dores nas juntas.
- (5) “desmentidura” - torção, luxação.
- (6) “rasgadura”, “carne rasgada” - “Carne que se abre por dentro, não precisa sair sangue; a rasgadura é sempre por dentro.” Pode ser causada por carregar peso.
- (7) “mijação” - quando pisa em espuma de sapo.
- (8) “esipela” - doença do sangue; “dá uma mancha sobre a pele, surge sem ter ferimento”.
- (9) “garrotinho na garganta” - “A pessoa não consegue respirar, nem comer; fica uma gosma na garganta e ela morre; dá depois da gripe”.
- (10) esquentamento, “doença de mulher” - doença venérea.
- (11) “marrudá” - diarréia com sangue.
- (12) “dor de urina” - “Quando os rins estão atacados. Não é só quando urina, é o tempo todo”, (pedra nos rins). “Dor de rim” - quer levantar, dói as cadeiras”.
- (13) “urina doce” = glicosúria.
- (14) “voamento” - “para parar de baldear”. Vômito contínuo.
- (15) “peito aberto” - A região da espinhela (apêndice xifóideo do esterno) se abre porque a pessoa carregou peso.
- (16) “espinha fora do lugar” - por queda: a massagem endireita e o preparado tira a dor.
- (17) “tosse de guariba” - coqueluche.
- (18) “albumina” - “A pessoa fica amarela, dá canseira, a urina fica grossa; dá mais comumente em gestantes. Não pode comer sal”.
- (19) papeira - parotidite, “caxumba”.

- (20) icterícia - "igual hepatite em Belém". Icterícia é nome antigo, hepatite é nome novo.
- (21) "hemorróida de botão" - hemorróida seca; quer defecar, mas não consegue.
- (22) "cansaço", "canseira" - ataque de asma.
- (23) "aborrecimento de criança" - falta de sono, choro, mal-estar.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, A.B. et al. 1985. Um sistema agroflorestral na várzea do estuário amazônico (Ilha das Onças, Município de Barcarena, Estado do Pará). *Acta Amazonica, Supl.*, 15 (1/2): 195-224.
- ARAÚJO, A.M. 1958. *Medicina rústica*. Rio de Janeiro, Brasilianna. v. 300, 335p., il.
- BATES, H.W. 1979. *Um naturalista no rio Amazonas*. São Paulo, Itatiaia. 300 p., il.
- BERG, M.E. van den. 1982. *Plantas medicinais na Amazônia; contribuição ao seu conhecimento sistemático*. Belém, CNPq. 223 p.
- BRANCH, L.C. & SILVA, I.M.F. da. 1983, Folk medicine of Alter do Chão, Pará, Brasil. *Acta Amazonica*, Manaus, 13(5/6): 737-797.
- CAVALCANTE, P.B. & FRICKEL, P. 1973. A farmacopéia Tiriyó; estudo botânico. *Publ. Avulsas Museu Goeldi*, 24. Belém. 157 p. p.
- CROOM JUNIOR, E.M. 1983. Documenting and evaluating herbal remedies. *Economic botany*, 37(1): 13-27.
- CUNHA, G. da. 1982. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi*. São Paulo, Melhoramentos. 357 p.
- ELISABETSKY, E. & SETZER, R. 1985. Caboclo concepts of disease diagnosis and therapy: implications for ethnopharmacology and health systems in Amazônia. In: *The Amazon caboclo: historical and contemporary perspectives*; 32: 243-278.
- . et al. 1986a. Ação anticonvulsivante do *Cissus sicyoides*, cipó-pucá. In: SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL, 9., *Resumos...* Rio de Janeiro. p. 22.

- ELISABETSKY, E. et al. 1986b. Ação anticonvulsivante da catinga de mulata (Labiatae). In: SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL, 9. *Resumos...* Rio de Janeiro. p. 23.
- FIGUEIREDO, N. 1979. *Rezadores, pajés, puçangas*. s.l., Boitempo. 96 p.
- FLEMING-MORAN, M. 1975. *The folk view of natural causation and disease in Brazil and its relation to traditional curing practices*. s.l., University of Florida. 126p. (Tese de Mestrado).
- FRIEDMAN, J. et al. 1986. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of an ethnopharmacology field survey among bedouins in the Negev desert, Israel. *Journal of Ethnopharmacology*, 16: 275-87.
- FUNDAÇÃO DE AMPARO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA (FADESP). 1983. *Programa Barcarena - Estudo do impacto ecológico e econômico-social da implantação do complexo Albrás/Alunorte em Barcarena-Pará*. Belém.
- . 1984. *Programa Barcarena - Estudo do impacto ecológico e econômico-social da implantação do complexo Albrás/Alunorte em Barcarena-Pará*. Relatórios 1,2 - período: out. 83 a mar./84. Belém. 51 p.
- . 1984. *Programa Barcarena - Estudo do impacto ecológico da implantação do Complexo Albrás/Alunorte em Barcarena-Pará*. Relatórios 3 - período: abr. a jun./84. Belém. 41 p.
- . 1984. *Programa Barcarena - Estudo do impacto ecológico da implantação do Complexo Albrás/Alunorte em Barcarena-Pará*. Relatório 4 período: jul. a set./84. Belém. 62p.
- . 1984. *Programa Barcarena - Impacto da modernização econômica sobre uma área de economia tradicional de subsistência - O caso Barcarena-Pará*. Relatório 1 - período: out./83 a mar./84. Belém. 21 p.
- FURTADO, L.G.; SOUZA, R.C.; BERG, M.E. van den. 1978. Notas sobre uso terapêutico de plantas pela população cabocla de Marapanim, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, 70: 1-31.
- GALVÃO, E. 1976. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo, Nacional. 153 p.

- GENTRY, A.M. 1982. Phytogeographic pattern as evidence for a Chocó. Refuge. In: *Biological diversification in the Tropics*. New York. 714p.
- GRENAND, P. 1980. *Introduction à l'étude de l'univers Wayãpi*. Paris, SELAF. 332 p.
- & GRENAND, F. 1982. La médecine traditionnelle des Wayãpi. *Cahiers ORSTOM, Série Sciences Humaines*, 18(4): 361-67.
- ; MORETTI, C.; JACQUEMIN, H. 1987. *Trois pharmacopées traditionnelles de Guyane Française: créole, Wayãpi, Palikur*. s.1.
- GUPTA, M.P. et al. 1986. Seasonal variation in the alkaloidal content of Panamanian Ipecac. *Fitoterapia*, 57 (3): 147-51.
- LEWIS, W.H. & LEWIS, E. 1977. *Medical botany, plants affecting man's health*. New York. 465p.
- MAUÉS, R.M. 1977. *A ilha encantada*. Brasília, Universidade de Brasília. 123p. (Dissertação de Mestrado de Antropologia).
- MAUÉS, M.A.M. & MAUÉS, R.M. 1980. *O folclore da alimentação: tabus alimentares da Amazônia*. Belém, Falangola. 109 p.
- MIKA, E.S. 1962. Selected aspects on the effect of environment and heredity on the chemical composition of seed plants. *Lloydia*, 25(4): 291-95.
- MOONEY, P.R. 1980. *Seeds of the Earth - a private or public resource?* London, 1980. 119p.
- MORS, W. 1982. Plantas medicinais. *Ciência Hoje*, 1(3): 14-19.
- PARKER, E.P. 1985. Cabocclization: The transformation of the Amerindian in Amazônia 1615-1800, In: *The Amazon caboclo historical and contemporary perspectives*. Williamburg, William and Mary Press. v. 32, p. 1-49.
- RIBEIRO, R.A. et al. 1986. Acute antihypertensive effects in conscious rats produced by some medicinal plants used in the state of São Paulo. *Journal of Ethnopharmacology*, 15: 261-69.
- SCHULTES, R.E. 1979. The Amazônia as a source of new economic plants. *Economic Botany*, 33(3): 259-66.

- SCHULTES, R.E. 1984. Fifteen years of study of psychoactive snuffs of South America: 1967-82. A Meview. *Journal of Ethnopharmacology*, 11: 17-32.
- SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE PÚBLICA-SESP. 1982. *Programação Organizacional e Operacional das unidades mistas e centros de saúde. Dados epidemiológicos*. s.l.
- UNESCO. 1984. Médecine et pharmacopée populaire dans la Carai-be. *Seminaire Tramil. Rapport final*. (20-26 nov., 1984). 175p.
- WEBER, W.A. 1982. Mnemonic three-letter acronyms for the families of vascular plants: a device for more effective herbarium curation. *Taxon*, 31(1): 74-88.